

ACADEMIA MILITAR

A Aplicabilidade das Tropas Paraquedistas nos Quadros da Atual Conflitualidade

**Aspirante-Aluno de Infantaria Miguel Cândido Pereira Espinha Domingos De
Almeida**

Orientador: TCor Inf Para Hilário Dionísio Peixeiro

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, julho 2012**



ACADEMIA MILITAR

A Aplicabilidade das Tropas Paraquedistas nos Quadros da Atual Conflitualidade

**Aspirante-Aluno de Infantaria Miguel Cândido Pereira Espinha Domingos De
Almeida**

Orientador: TCor Inf Para Hilário Dionísio Peixeiro

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, julho 2012**

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus amigos e ao meu curso.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista Hilário Peixeiro pela forma imediata como aceitou orientar-me na fase final deste trabalho.

À Sr^a Professora Haydée Pisa por toda a disponibilidade e simpatia com que me ajudou nesta investigação.

Ao Coronel Tirocinado de Infantaria Paraquedista Correia pelo apoio que me deu, simultaneamente com a frequência do seu curso.

Não posso, também, deixar de manifestar o meu apreço a sua Ex^a Tenente-General Amaral Vieira, ao Coronel de Infantaria Paraquedista Duarte Costa, ao Coronel de Infantaria Paraquedista Cardoso, ao Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista Henriques e ao Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista Cordeiro pela disponibilidade que demonstraram para serem entrevistados.

Agradeço, ainda, ao Tenente-Coronel de Infantaria Paraquedista Serra Pedro, pelo incentivo inicial que me transmitiu para o arranque deste trabalho.

Aos meus camaradas de curso, pelos bons e maus momentos, pelas discussões e desavenças, pelos sorrisos e gargalhadas e acima de tudo, pelo apoio que sempre demonstraram e sei que sempre demonstrarão. *AD UNUM*.

Aos meus amigos que, ainda que indiretamente, sempre estiveram lá para mim, uma promessa: por mais longe que estejamos, estaremos sempre juntos.

Como para todas as atividades da nossa vida, faz-nos falta, ainda que inconscientemente, ter uma retaguarda sólida em que nos podemos apoiar. É, por isso, com um profundo sentimento de gratidão que aqui refiro o papel dos meus pais, acima de tudo pela sua paciência. Ao longo de toda a minha vida, e em especial nesta fase, tenho a noção perfeita de que sem eles nunca seria possível chegar onde cheguei, nem ser quem sou.

Resumo

Este trabalho científico, enquadra-se no domínio da Infantaria Paraquedista e está subordinado ao tema “ A Aplicabilidade das Tropas Paraquedistas nos Quadros da Atual Conflitualidade”. Com este trabalho tem-se em vista confirmar as capacidades atuais das tropas paraquedistas portuguesas.

O fio condutor que guiou a investigação foi verificar se os dois Batalhões de Infantaria Paraquedista e o Batalhão Operacional Aeroterrestre da Brigada de Reação Rápida, estão aptos a cumprir com as missões que lhes possam ser atribuídas.

Através de um enquadramento histórico, de uma análise à constituição e organização territorial das atuais tropas paraquedistas e uma introdução a dois teatros de operações atuais, os quais tentámos classificar na conflitualidade. Através duma comparação dos atuais quadros orgânicos de pessoal e com o que é pretendido pela OTAN, foi constituído o conjunto de dados necessários para continuação da investigação desta temática.

No desenvolvimento da metodologia científica, utilizou-se a análise de livros e periódicos da especialidade para obter a informação complementar necessária. Recorreu-se também a fontes documentais e a entrevistas para a consolidação dos dados já disponíveis para posterior validação da investigação.

Resultado desta, concluiu-se que neste momento as tropas paraquedistas portuguesas estão aptas a cumprir as missões que lhes estão ou poderão vir a ser atribuídas.

PALAVRAS-CHAVE: Paraquedistas, Conflitualidade, BIPara, BOAT, BrigRR

Abstract

This scientific work falls within the field of Parachute Infantry and is related to the theme "The Applicability of Parachute Troops in the range of the current conflict." This work aims at confirming the current capabilities of the Portuguese parachute forces.

The thread that guided the research was to determine whether the two Battalions of Parachute Infantry and the Air-land Operational one belonging to the Rapid Reaction Brigade, are able to fulfill the tasks that may be assigned to them.

Through an historical context, an analysis of the constitution and territorial organization of current parachute troops and an introduction to two operations' theaters in use nowadays, which we tried to classify in the conflict spectrum. Through the comparison between their equipment and personnel tables and what NATO requires, a pack of necessary data was built to carry on with the research.

Regarding the scientific methodology development, we used the analysis of books and journals to obtain the necessary information. In addition, documental sources were used as well as interviews to collect all relevant data to validate the research's results.

As the final result, we concluded that right now the Portuguese parachute forces are capable of fulfilling the missions assigned or that may be assigned to.

KEY-WORDS: Paratroopers, Conflict Spectrum, BIPara, BOAT, BrigRR

Índice Geral

Dedicatória.....	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Índice Geral	v
Índice de Figuras	viii
Índice de Tabelas e Quadros.....	ix
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	xi
Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1.Enquadramento da Investigação.....	1
1.2.Justificação do Tema	2
1.3.Definição dos Objetivos	2
1.4.Metodologia.....	3
1.4.1. Pergunta Central, Perguntas Derivadas e Hipóteses	5
1.5.Enunciado da Estrutura do trabalho	6
Capítulo 2 - Revisão da Literatura	8
2.1.As Tropas Paraquedistas.....	8
2.1.1. Como Surgiram em Portugal	8
2.1.2. Mística Paraquedista	11
2.1.3. Constituição da Força Paraquedista Portuguesa	13
2.1.3.1. BrigRR – Brigada de Reação Rápida.....	13
2.1.3.2. Os Batalhões de Infantaria Paraquedista (1º e 2º BIPara).....	16
2.1.3.3. BOAT – Batalhão Operacional Aeroterrestre	17

2.1.4. Material e Equipamento	188
2.2. Análise aos Conflitos Recentes	188
2.2.1. Conceitos	18
2.2.2. Os Atuais TO's	19
2.2.2.1. Afeganistão.....	20
2.2.2.2. Kosovo	21
2.2.3. Considerações	22
Capítulo 3 - Metodologia e Procedimentos	24
3.1. Método de Abordagem ao Problema.....	24
3.2. Técnicas e Procedimentos	25
3.4. Local e Data de Recolha de Dados	27
3.5. Amostragem: Composição e Justificação.....	27
3.6. Meios Utilizados.....	28
Capítulo 4 - Apresentação, Análise e Discussão de Resultados.....	29
4.1. Análise Documental	29
4.2. Apresentação, Análise e Discussão de Resultados.....	30
4.2.1. Perguntas 1.1 e 1.2.....	31
4.2.2. Perguntas 2.1, 2.2 e 2.3	32
4.2.3. Perguntas 3.1, 3.2 e 3.3	34
4.2.4. Perguntas 4.1, 4.2 e 4.3	36
4.2.5. Perguntas 5.1, 5.2 e 5.3	37
4.2.6. Pergunta 6	38
4.2.7. Pergunta 7	39
Capítulo 5 - Conclusões.....	41
5.1. Verificação das Hipóteses.	42

5.2. Resposta às Perguntas.....	43
5.3. Sugestões de Investigações Futuras.....	44
Bibliografia.....	45
Apêndice 1 – Guião da Entrevista	AP1 - 1
Apêndice 2 – Dados sobre o Afeganistão.....	AP2 - 1
Apêndice 3 – Dados sobre o Kosovo	AP3 - 1
Apêndice 4 – Relação dos Entrevistados.....	AP4 - 1
Apêndice 5 – Resumo das Entrevistas.....	AP5 - 1
Anexo 1 – Método Científico	A1 - 1
Anexo 2 – Resumo QOM 1º BIPara.....	A2 - 1
Anexo 3 – Resumo QOM 2º BIPara.....	A3 - 1
Anexo 4 – Resumo QOM BOAT	A4 - 1

Índice de Figuras

Figura 1: Organigrama da Brigada de Reação Rápida	15
Figura 2: Distribuição Geográfica das Subunidades da BrigRR	15
Figura 3: Organigrama de um BIPara	16
Figura 4: Organigrama do BOAT	17
Figura 5: Espectro do Conflito	19
Figura 6: Método Científico	A1 - 1
Figura 7: Resumo QOM 1º BIPara	A2 - 1
Figura 8: Resumo QOM 2º BIPara	A3 - 1
Figura 9: Resumo QOM BOAT	A4 - 1

Índice de Tabelas e Quadros

Tabela 1: Resultados da pergunta 1.1	28
Tabela 2: Resultados da pergunta 1.2	29
Tabela 3: Resultados das perguntas 2.1 e 2.2	30
Tabela 4: Resultados da pergunta 2.3	31
Tabela 5: Resultados das perguntas 3.1 e 3.2	32
Tabela 6: Resultados da pergunta 3.3	32
Tabela 7: Resultados das perguntas 4.1 e 4.2	33
Tabela 8: Resultados da pergunta 4.3	34
Tabela 9: Resultados das perguntas 5.1 e 5.2	34
Tabela 10: Resultados da pergunta 5.3	35
Tabela 11: Resultados da pergunta 6	35
Tabela 12: Resultados da pergunta 7	36
Tabela 13: Relação dos Entrevistados	AP4 - 1
Tabela 14: Pergunta 1.1	AP5 - 1
Tabela 15: Pergunta 1.2	AP5 - 2
Tabela 16: Pergunta 2.1	AP5 - 2
Tabela 17: Pergunta 2.2	AP5 - 3
Tabela 18: Pergunta 2.3	AP5 - 4
Tabela 19: pergunta 3.1	AP5 - 4
Tabela 20: Pergunta 3.2	AP5 - 5
Tabela 21: Pergunta 3.3	AP5 - 5
Tabela 22: Pergunta 4.1	AP5 - 6
Tabela 23: Pergunta 4.2	AP5 - 6
Tabela 24: Pergunta 4.3	AP5 - 7
Tabela 25: Pergunta 5.1	AP5 - 7
Tabela 26: Pergunta 5.2	AP5 - 8
Tabela 27: Pergunta 5.3	AP5 - 8
Tabela 28: Pergunta 6	AP5 - 9
Tabela 29: Pergunta 7	AP5 - 9

Lista de Apêndices e Anexos

Apêndice 1	Guião da Entrevista
Apêndice 2	Dados sobre o Afeganistão
Apêndice 3	Dados sobre o Kosovo
Apêndice 4	Dados dos Entrevistados
Apêndice 5	Resumo das Entrevistas
Anexo 1	Método Científico
Anexo 2	Resumo QOM 1º BIPara
Anexo 3	Resumo QOM 2º BIPara
Anexo 4	Resumo QOM BOAT

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

AGRBRAVO	Agrupamento Bravo
AMSJ	Área Militar de São Jacinto
BAAT	Batalhão de Apoio Aeroterrestre
BAI	Brigada Aerotransportada Independente
BCP	Batalhão de Caçadores Paraquedista
BETP	Base Escola de Tropas Paraquedistas
BI	Batalhão de Instrução
BIAT	Batalhão de Infantaria Aerotransportada
BIPara	Batalhão de Infantaria Paraquedista
BOAT	Batalhão Operacional Aeroterrestre
BOTP	Base Operacional de Tropas Paraquedistas
BRIPARAS	Brigada de Paraquedistas Ligeira
BrigRR	Brigada de Reação Rápida
CIA	Central Intelligence Agency
CIEP	Challenge Inter Escolas de Paraquedismo
CJSOR	Combined Joint Statement of Requirement
CorInfPara	Coronel de Infantaria Paraquedista
CSI	Comunicações e Sistemas de Informação
CTAT	Centro de Tropas Aerotransportadas
CTC	Centro de Tropas Comandos
CTOE	Centro de Tropas de Operações Especiais
EME	Estado Maior do Exército
ETAT	Escola de Tropas Aerotransportadas
ETP	Escola de Tropas Paraquedistas
FAP	Força Aérea Portuguesa
FND	Força Nacional Destacada
FRI	Força de Reação Imediata
Gen	General
GOAT	Grupo Operacional Aeroterrestre
GU	Grande Unidade

IFOR	Implementation Force
ISAF	International Security Assistance Force
KFOR	Kosovo Force
KLA	Kosovo Liberation Army
MGen	Major-General
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização Tratado Atlântico Norte
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
PITOP	Plano Integrado de Treino Operacional
QO	Quadro Orgânico
QOP	Quadro Orgânico de Pessoal
QOM	Quadro Orgânico de Material
RA4	Regimento de Artilharia nº 4
RCP	Regimento de Caçadores Paraquedista
RI3	Regimento de Infantaria nº 3
RI10	Regimento de Infantaria nº 10
RI15	Regimento de Infantaria nº 15
SFN	Sistema de Forças Nacional
TG	Teatro de Guerra
TGen	Tenente-General
TO	Teatro de Operações
UALE	Unidade de Aviação Ligeira do Exército
UnAp	Unidade de Apoio
UNMIK	United Nations Interim Administration Mission in Kosovo

Capítulo 1

Introdução

O presente trabalho, tem como principal objetivo, enquadrado já pelas normas da Declaração de Bolonha, no processo da transição das Licenciaturas em Ciências Militares em Mestrados Integrados em Ciências Militares, garantir a aplicação do método científico numa investigação aplicada relacionada com o curso frequentado. É a fase final de um percurso longo de quatro anos na Academia Militar, com uma preparação intensa mas essencial, pois habilita a entrada nos quadros permanentes, como oficiais do Exército Português dos alunos da Academia Militar.

1.1. Enquadramento da Investigação

No mundo atual em que, resultado da constante transformação e rápida evolução que vem sofrendo, não é possível estabelecer uma definição ou um estereótipo de campo de batalha. É aceite, considerar-se que o nosso Exército pode ser empregue em qualquer tipo de missão. Como está provado com missões executadas, como em 1994, onde o Exército Português contribuiu com uma unidade de transmissões para Moçambique (Machado, 2011), ou em 1996, com o envio de tropas paraquedistas para integrar a IFOR (Implementation Force) da OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte) para a pacificação da Bósnia-Herzegóvina (Machado, 2011). E ainda, com as missões que se encontram atualmente em curso, no Kosovo, no Afeganistão, no Líbano e na Somália.

Assim o enfoque deste trabalho será o estudo da aplicabilidade das tropas paraquedistas nos quadros da atual conflitualidade, no âmbito das Organizações Internacionais, como a OTAN e a ONU (Organização das Nações Unidas), dando especial ênfase aos Teatros de Operações ativos, com maior nível de exigência, como o Afeganistão e o Kosovo.

1.2. Justificação do Tema

No que concerne às Unidades Paraquedistas, âmbito deste trabalho, são de realçar os dois Batalhões de Infantaria Paraquedista (BIPara), estes como unidades de manobra da Brigada de Reação Rápida (BrigRR) e o BOAT (Batalhão Operacional Aeroterrestre), este como uma unidade técnica no âmbito aeroterrestre, que tem a missão de apoiar as operações aerotransportadas, tática e logisticamente.

A escolha do tema prende-se com o facto de as Tropas Paraquedistas, combinarem o seu baixo custo de operação e projeção com um elevado nível de versatilidade.

Por serem as unidades atuais aquelas que conservam as tradições e o saber-fazer herdado das suas precursoras, incidiremos o nosso esforço de pesquisa nos batalhões de paraquedistas que constituem a BrigRR cujo emprego recente como Forças Nacionais Destacadas (FND) remonta à década de noventa, embora desde 2011 não sejam empregues. O último foi destacado, no âmbito da KFOR (Kosovo Force), no Kosovo.

1.3. Definição dos Objetivos

As tropas Paraquedistas foram as primeiras, após o Conflito do Ultramar a serem convocadas para uma ação, de combate. Atualmente, mais do que nunca, as missões no âmbito internacional são usuais, assim, é neste âmbito que pretendemos elaborar este estudo.

Analisar onde estas tropas estão enquadradas, qual a sua constituição, que equipamentos dispõem irá contribuir para o objetivo final desta investigação, em conjunto com uma comparação do que está descrito nos QOP's e no que está estipulado pelos CJSOR¹ (Combined Joint Statement of Requirements) da OTAN.

Esta investigação procura saber quais as capacidades destas tropas no momento atual, tendo em conta a análise dos Teatros de Operações em que Portugal se encontra.

Será mais do que um mero cruzar de dados entre as capacidades destas tropas e do ambiente vivido nestes teatros. Ter-se-ão em conta opiniões, testemunhos e saberes de

¹ CJSOR – Lista de capacidades e exigências emitidas pela OTAN, para cada tarefa dos diferentes TO's, às quais cada nação deve corresponder para poder realizar essa mesma tarefa.

experiência feitos que, certamente, enriquecerão as bases de conhecimento do autor e a fundamentação das conclusões apresentadas.

1.4. Metodologia

De acordo com Gil (1999, p.26), este define “ (...) método como caminho para se chegar a determinado fim. E, método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.”

No nosso caso, apesar de ser um trabalho com um núcleo militar, não será por esse mesmo motivo que o manual que se irá adotar, de Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt, não será mais que adequado. O procedimento científico apresentado no mesmo, é constituído por três atos e sete etapas.

O primeiro ato, A Rutura, consiste no quebrar dos preconceitos e das falsas evidências que apenas nos iludem em relação à nossa percepção das coisas. (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 26) Este é constituído por três das sete etapas, Etapa 1 – A pergunta de partida, Etapa 2 – A exploração e a Etapa 3 – A problemática. Pode-se considerar que a rutura, literalmente representa o que significa, ou seja, um surgir de uma luz na nossa mente, para algo que esteja fora do normal e que se ache necessário abordar.

Mas como está descrito por Berthelot *in* Quivy & Campenhoudt (2008, pp. 26-28)

Esta rutura só pode ser efetuada a partir de um sistema concetual organizado, suscetível de exprimir a lógica que o investigador supõe estar na base do fenómeno. É graças a esta teoria que ele pode erguer as proposições explicativas do fenómeno a estudar e prever qual o plano de pesquisa a definir, as operações a aplicar e as consequências que logicamente devem esperar-se no termo da observação. Sem esta construção teórica não haveria experimentação válida. Não pode haver, em ciências sociais, verificação frutuosa sem construção de um quadro teórico de referência. Não se submete uma proposição qualquer ao teste dos factos. As proposições devem ser o produto de um trabalho racional, fundamentado na lógica e numa bagagem concetual validamente constituída.

Este é então o segundo ato, A Construção, que envolve a Etapa 3 e a Etapa 4 – A construção do modelo de análise.

No último ato, A Verificação, “Uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos factos. Este teste pelos factos é o terceiro ato”

(Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 28) Compreende a Etapa 5 – A observação, a Etapa 6 – A análise de informações e a Etapa 7 – As conclusões.

Os três atos do procedimento não são isolados, muito pelo contrário, estão ligados entre si. Os três atos, no desenvolver de cada investigação, são realizados ao longo de uma sucessão de fases, que aqui estão organizadas em etapas. (Quivy & Campenhoudt, 2008)

A etapa 1 – Pergunta de partida. Esta etapa servirá como fio condutor de toda a investigação, e esta tem de ser precisa, concisa e unívoca, realista, ser uma verdadeira pergunta, abordar o estudo existente, basear o estudo da mudança no do funcionamento e ter uma intenção de compreensão dos fenómenos estudados (Quivy & Campenhoudt, 2008)

A etapa 2 – A exploração. Esta etapa é composta por duas partes, um lado as leituras e em paralelo, entrevistas exploratórias ou outros métodos. A primeira parte, as leituras, servem para obter informação sobre investigações já elaboradas sobre o mesmo tema. Estas leituras devem estar relacionadas com a pergunta de partida. As entrevistas exploratórias complementam as leituras, diretamente com informação ou com um descodificar para uma verdade ainda mais profunda. Estas são usualmente usadas com outros métodos, como a observação e análise de documentos (Quivy & Campenhoudt, 2008)

A etapa 3 – A problemática. Esta etapa consiste numa perspetiva teórica que se decide adotar para tratar o problema colocado pela pergunta de partida. Ou seja, como se vai abordar o problema. Esta etapa pode executar-se em dois momentos. Num primeiro, faz-se o balanço das problemáticas possíveis onde se analisam e comparam as suas características. No segundo momento escolhe-se e explana-se a própria problemática com o conhecimento de causa. (Quivy & Campenhoudt, 2008)

A etapa 4 – A construção do modelo de análise. Este modelo de análise é a continuação da problemática que operacionaliza os marcos e as pistas que serão retidos para guiar o trabalho de observação e análise. Distingue-se os conceitos operatórios isolados que se baseiam em observações diretas ou de informações coligidas. Uma hipótese é uma relação entre dois termos que podem ser conceitos ou fenómenos. (Quivy & Campenhoudt, 2008)

A etapa 5 – A observação. Ao longo desta etapa são recolhidas várias informações. No entanto não é importante apenas recolher estas informações que traduzam o conceito, mas sim obter essas informações de forma, a que depois seja possível aplicar-lhes o

tratamento necessário à verificação de hipóteses. É imperativa a preocupação com o tipo de informação recolhida e o tratamento a aplicar-lhe. (Quivy & Campenhoudt, 2008)

A etapa 6 – A análise de informações. Esta etapa, é onde se vai tratar a informação obtida pela observação para comparar os resultados observados com os esperados nas hipóteses. Consiste em três operações. Na primeira operação descreve-se os dados, na segunda operação mede-se as relações entre as variáveis com base na forma como essas relações foram previstas pelas hipóteses, por último na terceira operação compara-se as relações observadas com as relações teoricamente esperadas. (Quivy & Campenhoudt, 2008)

A etapa 7 – As conclusões. Nesta etapa executa-se uma retrospectiva sobre todo o procedimento levado a cabo e depois apresenta-se os resultados evidenciando os novos conhecimentos e as consequências práticas.

1.4.1. Pergunta Central, Perguntas Derivadas e Hipóteses

Apresentado que foi todo o processo, importa agora centramo-nos na pergunta central: **Estão os BIPara e o BOAT em condições de corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego?**

Como perguntas derivadas temos:

- 1 – A constituição e organização atual das tropas paraquedistas são indicadas para responder às tarefas que mais provavelmente lhes podem ser atribuídas?
- 2 – O treino efetuado nos dois Batalhões de Infantaria Paraquedista (BIPara) e no Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT) é o suficiente para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego?
- 3 - Têm os dois BIParas e o BOAT, perante os Quadros Orgânicos, efetivo suficiente² para fazer face às exigências destes mesmos cenários?
- 4 - Qual o nível de adequabilidade do atual equipamento e material orgânico dos dois BIParas e do BOAT, tendo em conta estes cenários?
- 5 – Está este equipamento, em quantidade suficiente, para operacionalizar na totalidade os dois BIParas e o BOAT?

² Considera-se suficiente, perante os níveis de levantamento de cada unidade, que está estipulado como 67%.

Como hipóteses, geraram-se as seguintes:

H1 – A constituição e organização desta unidade permite-lhes cumprir todas as suas missões nos atuais cenários prováveis de emprego.

H2 – O treino é o suficiente e consegue preparar as tropas para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego.

H3 – Os BIPara e o BOAT não têm efetivo suficiente,

H4 – O equipamento e o material são os adequados.

H5 – O equipamento disponível nas unidades paraquedistas é suficiente para operacionalizar os seus batalhões para emprego nas atuais missões em que Portugal tem compromissos

.

1.5. Enunciado da Estrutura do Trabalho

Para este trabalho, usou-se a estrutura base, enunciada, na NEP 520/DE da Academia Militar, onde é à priori definido, que estes trabalhos devem usar uma estrutura de cinco capítulos, não incluindo a bibliografia. (Academia Militar, 2011)

Capítulo 1 – Introdução. Neste capítulo faz-se uma apresentação do trabalho. Ou seja foi dito onde o trabalho esta enquadrado, o porquê do tema e qual o seu contributo, a metodologia usada e os objetivos do trabalho.

Capítulo 2 – Revisão da Literatura. Procede-se à reunião de toda a bibliografia de outros autores que estivessem relacionadas com o tema. Faz-se um enquadramento histórico das tropas paraquedistas, um enquadramento organizacional e ainda uma abordagem a dois dos teatros de operações em que o Portugal contribui com forças nacionais destacadas; termina-se com uma comparação do que está estipulado nos QOP's e no que é exigido pelos CJSOR.

Capítulo 3 – Metodologia e Procedimentos. Procede-se à explanação de como, quando, com quê e onde se levou a cabo o trabalho de campo, referem-se entrevistas, e inclui-se a relação dos entrevistados

Capítulo 4 – Apresentação, Análise e Discussão de Resultados. Neste capítulo apresentam-se os dados recolhidos das entrevistas e da análise documental, o seu tratamento e análise e a discussão dos mesmos

Capítulo 5 – Conclusões. Apresentam-se as conclusões finais, através da validação das hipóteses e da resposta às questões da investigação. Elaboram-se também algumas sugestões de investigações futuras.

Capítulo 2

Revisão da Literatura

2.1. As Tropas Paraquedistas

“QUE NUNCA POR VENCIDOS SE CONHEÇAM”³

Lema da Escola de Tropas Paraquedistas

2.1.1. Como Surgiram em Portugal

Com uma existência de mais de 50 anos, os Paraquedistas fazem a sua primeira aparição, na Serra da Carregueira, no dia 14 de agosto de 1955, na cerimónia do dia da Infantaria, participando no desfile com uma força composta por oficiais, sargentos e praças dos três ramos das forças armadas. Eram militares que haviam frequentado os cursos de paraquedismo, uns, na École des Troupes Aeroportées do exército Francês, em Pau, no ano de 1952, e outros, em 1955, na Escuela de Paracaidismo “Mendes Parada” da Força Aérea Espanhola, em Múrcia (ETP, 2006).

A 23 de Maio de 1956 foi inaugurado assim o Batalhão de Caçadores Paraquedista (BCP) em Tancos pelo Subsecretário de Estado da Aeronáutica o General Kaúlza de Arriaga⁴. Esta data foi escolhida intencionalmente para coincidir com o dia em que a bula “*Manifestis Probatum*” de Alexandre III reconheceu pela primeira vez o reino de Portugal.

O BCP, embora de pequena dimensão, teve alguma dificuldade em ser aceite no seio das forças armadas, mas valeu na altura a visão de quem detinha o poder político-militar (ETP, 2006). Fez então, o Ministro da Defesa Nacional, Fernando dos Santos

³ Divisa retirada da Obra “Os Lusíadas”, canto sétimo, estrofe 71.

⁴ Arriaga, Kaúlza de, (1915- 2004) Subsecretário de Estado da Aeronáutica entre 1955 e 1962. Político, professor, conferencista, escritor, dirigente e membro de organismos científicos e administrador público e privado, foi, sobretudo, militar e chefe militar (Cidade Virtual, 1999).

Costa⁵, depender estas novas forças especiais da recém-criada Força Aérea Portuguesa (FAP) sob o critério de que era indispensável um corpo de forças especiais na mesma, acrescentando ainda, como segundo critério, a posição dos Chefes do Exército, contra as forças especiais, que aconselhava à colocação das Tropas Paraquedistas sob a alçada deste novo ramo das Forças Armadas, onde evidentemente seriam acarinhadas, ao invés do Exército onde a sua dissolução seria precoce (Arriaga, 2002) *in* (ETP, 2006).

Em Tancos a instrução foi adaptada de acordo com o conflito que muitos já avizinhavam em Africa através de enviados na Argélia e Inglaterra para observar o que os paraquedistas franceses e ingleses faziam. Novo equipamento foi adquirido e uma nova arma também, a AR-10 Armalite⁶. O combate anti subversivo era a sua vocação, apenas não sabiam quando iriam ultimar o seu primeiro teste, que iria traçar o seu destino, a sua permanência ou a sua extinção (ETP, 2006).

Com o romper da guerra, o BCP em 1961 é extinto e nasce no seu lugar o Regimento de Caçadores Paraquedistas (RCP), que englobava assim o Batalhão de Instrução (BI) e o Batalhão de Caçadores Paraquedistas nº 11 (BCP 11). No seguimento da guerra, no Ultramar são criados quatro Batalhões de Caçadores Paraquedistas: O BCP 21 (Luanda - Angola), o BCP 12 (Bissalanca - Guiné), o BCP 31 (Beira - Moçambique) e o BCP 32 (Nacala - Moçambique). O desempenho desta tropa durante a guerra foi devido à instrução que foi ministrada e aperfeiçoada no Batalhão de Instrução cujo lema “Instrução Dura Combate Fácil” ainda hoje se mantém (ETP, 2006).

Após o término da guerra, e já com todas as unidades de regresso “à Metrópole⁷”, foi criado o Corpo de Tropas Paraquedista, com Comando em Lisboa: Base Escola Tropas Paraquedistas (BETP) em Tancos e bases operacionais em Lisboa e S. Jacinto.

O enfoque da instrução, ficou então na guerra convencional, onde novos equipamentos e armamento seriam adquiridos vocacionados para esse combate convencional (ETP, 2006).

Outra vertente que as tropas paraquedistas desde cedo iniciaram, foi a cooperação internacional. Esta começou na década de 70, precisamente em 1977, com a *Brigada Paracaidista* do Exército Espanhol, prosseguindo pela década de 80, com *Brigata*

⁵ Costa, Fernando dos Santos (1899-1982) foi um oficial do Exército Português que assumiu diversos cargos políticos. Era um dos homens mais fortes a seguir a Salazar (Sitio do Livro, 2012).

⁶ Projetada por Eugene Stoner da divisão Armalite da “Fairchild Engine and Airplane Corp”. Esta espingarda teve mais sucesso à posteriori do seu lançamento, muito em conta, das evoluções que dela partiram (Boinas Verdes, 2005).

⁷ Referida, no tempo do conflito do Ultramar, como Portugal continental.

Paracadutisti e Compagnia Alpini Paracadutisti em 1981, com o *Régiment Para-Commando* Belga em 1982 e em 1988 com *Fallschirmjäger Bataillon 273* da Alemanha.

À parte desta cooperação, em exercícios táticos, vocacionando o salto de paraquedas, tanto em Portugal como em qualquer um desses países, alguns militares da BETP, por norma do GOAT (Grupo Operacional Aeroterrestre), participavam em algumas competições, como o Challenge⁸ inter-escolas de paraquedismo e o Volant Rodeo⁹. A BETP conta também, no seu registo em 1987 o início da cooperação com os paraquedistas de Angola e Moçambique (ETP, 2006).

Em 1993, em cerimónia militar, na parada Alferes Miliciano Paraquedista Mota da Costa, na BETP, deu-se a transferência das Tropas paraquedistas para Exército. Consequência disso, é criado o Comando das Tropas Aerotransportadas, em Tancos na Antiga Base Aérea nº 3, pertencendo a partir desse momento ao Exército. A BETP passou a designar-se de Escola de Tropas Aerotransportadas (ETAT), a antiga BOTP 2 em S. Jacinto, passa a ter a designação de Área Militar de S. Jacinto, e a BRIPARAS deu lugar à Brigada Aerotransportada Independente (BAI). (ETP, 2006)

Não estava a BAI ainda com os alicerces bem fixos quando foi requisitada em 1995 para iniciar o envolvimento Nacional em missões de apoio à paz no continente europeu. Em 1996 quase mil militares, na sua grande maioria paraquedistas foram enviados para a Bósnia-Herzegovina. Este marco histórico, foi o início de uma participação mais ativa de Portugal nas missões de apoio à paz, teve como resultado o envio posterior de outras unidades para este teatro e para outros, nomeadamente, o Kosovo, Timor-Leste, Líbano e Afeganistão. Com a “Transformação”, processo de reorganização do Exército no ano de 2006, procedeu-se à extinção do CTAT e de algumas unidades paraquedistas, como é o caso do 3º BIPara. Foram alteradas certas designações, como é exemplo da ETAT, que a

⁸ O Challenge Inter Escolas de Paraquedismo iniciou-se em 1980 por iniciativa da Escola de Tropas Aerotransportadas de França, daí a designação em francês CIEP. Portugal foi um membro fundador. Trata-se sobretudo de um encontro entre Escolas de Paraquedismo Militar Europeias, onde decorre o Challenge em si, e um fórum para os comandantes das unidades participantes, para discussão de temas relacionados com a instrução e doutrina aeroterrestre. Na competição participam equipas compostas por 5 instrutores de paraquedismo que competem em 5 provas distintas: Precisão de aterragem – manual; Precisão de aterragem – automático; Natação militar; Tiro de precisão; Percurso de orientação (Machado, Operacional, 2009).

⁹ Competição criada na década de 60 que dura até aos dias de hoje. Esta competição visa desafios para a componente do abastecimento aéreo. Inclui provas de lançamento quer de material, quer de pessoal, aterragens e descolagens de assalto e inspeções de manutenção (tradução livre ao encargo do autor) (McHord Air Museum, 2012). Portugal orgulha-se de ter conquistado o troféu de melhor equipa estrangeira em 1986, 1992 e 1993.

partir do dia 23 de maio desse mesmo ano, passou a designar-se Escola de Tropas Paraquedistas (ETP) e a AMSJ (Área Militar de São Jacinto) que se passou a designar por Regimento de Infantaria nº10. Foi transformada na Brigada de Reação Rápida, onde na sua constituição passou a incluir, entre outras as tropas de Operações Especiais, as Companhias de Comandos e a Unidade de Aviação Ligeira do Exército, ainda em fase de constituição. (ETP, 2006)

2.1.2. Mística Paraquedista

Mística pode ser uma atitude coletiva assente com bastante afeto na devoção a uma ideia, uma causa, uma personalidade, e pode ainda ser uma adesão entusiástica aos grandes valores ou a princípios ideais (Infopédia, 2012).

Distintivo pode considerar-se uma insígnia de pano ou metálica, para ser usada no fardamento, em posição já previamente definida de modo a permitir a identificação da especialidade, posto ou função que um militar possa desempenhar.

Distintivo de Especialidade pode também ser um emblema bordado ou de metal que indica a especialidade de um militar sendo ou não graduado (Soares & Adelino, 1962).

Insígnia é um sinal distintivo de uma função ou dignidade. Estes soldados são conhecidos um pouco pelo mundo: em francês “les paras”, em alemão “die fallschirmjäger”, em espanhol “paracaidistas”, em inglês “paratroopers” e em português paraquedistas. A mística que paira sobre as tropas paraquedistas de outros exércitos está bem enraizada no foro mais profundo dos paraquedistas portugueses. Tanto em Portugal como noutros países a coragem, a determinação e o treino intenso e duro são usados para incutir no interior de cada soldado um senso de responsabilidade e uma extraordinária e arrogante confiança (Costa, 2012).

Agregados de certos símbolos que enaltecem esta extraordinária confiança é unânime no seio dos especialistas de simbologia e heráldica, que os distintivos e insígnias têm elevada importância no ambiente militar, e não só, na medida em que permitem identificar e distinguir o portador (Carmo, 2006).

Estes conceitos, cedo se evidenciaram nas Tropas Paraquedistas. Desde o seu aparecimento nunca foram muito amadas pelas forças armadas, em particular, na altura da sua criação, pelo Exército, mas esta tal “mística” era o que fazia esta tropa tão especial, assim como confirmam os relatos de quem viveu lado a lado com eles. “(...) Um Corpo (os

paraquedistas) com uma mística própria e para quem as virtudes militares da Camaradagem, do Dever e da Honra eram envolvidas por um espírito de corpo que constituía a solidez da sua coesão e a eficácia das suas ações (...)" (GEN Espírito Santo *in* Mensurado, 2002).

Não seria apenas a mística que faria das tropas paraquedistas uma força diferente, os distintivos usados eram únicos em Portugal. Não significava que seriam melhores ou piores que o remanescente das forças armadas, pelo contrário, contudo eram notórios e ninguém ficava indiferente.

A boina, atualmente, usada na maioria dos exércitos, em Portugal foi implementada pela primeira vez através das Tropas Paraquedistas, assim como o distintivo de qualificação paraquedista – vulgo brevet de paraquedismo. Confirmou-se assim com o Decreto Nº 40.395 de novembro de 1955, que as Tropas Paraquedistas Portuguesas foram a primeira força em Portugal, tanto militar como policial em que a boina verde era usada como cobertura de cabeça, e a primeira a usar o distintivo de qualificação paraquedista (Carmo, 2006).

A cor verde foi escolhida pelo Ministro da defesa Nacional em funções, Fernando dos Santos Costa. A sugestão inicial dos elementos “fundadores”, que haviam frequentado o curso em Espanha, foi “vermelho” ou “vermelho-grenat”. Ao que se indica, devido a razões de ordem ideológica essa escolha foi alterada em virtude da época política vivida na altura, em que o vermelho era associado ao movimento comunista internacional, daí o Ministro Santos Costa, que tinha por hábito assinar o “despacho” com uma caneta de tinta verde permanente, quis que a boina ficasse da cor da tinta com a qual escrevia o despacho. A 16 de novembro de 1964, para que se evitassem variações na tonalidade da cor da boina, foi emitida uma Portaria, Nº 20.911, que estabeleceu a curva espectrofotométrica com a designação de “Verde Caçadores Pára-Quedistas” (Carmo, 2006).

Contudo, a cor não foi a única parte da boina que teve significado. As duas fitas negras a cruzarem na sua retaguarda abrangem mais que a nossa nação. Estas fitas são negras, como forma de luto dos militares que pereceram na Operação Market-Garden¹⁰ em 1944 nos Países – Baixos. A campanha é de tal maneira admirada que as forças

¹⁰ Operação levada a cabo pelas forças Aliadas entre os dias 17 e 25 de setembro de 1944. O principal objetivo era conquistar uma série de pontes sobre os rios principais dos Países-Baixos. Para tal foram utilizadas tropas Paraquedistas em grande escala pra conquistar o objetivo de maneira a que os Aliados pudessem transpor o rio Reno (Kalicheski, 2011). A operação apesar de envolver milhares de militares de várias nações, saldou-se um fracasso total e as forças paraquedistas sofreram um elevado número de baixas (Carmo, 2006).

paraquedistas de todo o mundo usam as fitas negras como sinónimo de luto para com as vítimas dessa operação (Carmo, 2006).

O distintivo de qualificação paraquedista estabelecido pelo artigo 20º do decreto supracitado seria então usado do lado direito no peito e acima do bolso, onde continua atualmente. A versão deste distintivo foi adotada em 1966, tendo-lhe sido precedidos dois modelos (Carmo, 2006).

“Ostentar as “Asas ao Peito”¹¹ e usar a “Boina Verde” são místicas que fazem do soldado pára-quedista um vitorioso, o cobrem de vaidade por ter granjeado, unicamente por força das suas qualidades pessoais, o destaque e o orgulho de exhibir, em público, a postura insinuante que lhe empresta o uso da BOINA VERDE” (Costa, 2012).

O que em Tancos se tem passado nos últimos 50 anos, explica aquilo que sem qualquer convocatória ou pagamento, reencontra anualmente no dia 23 de maio, milhares de portugueses, numa espécie de peregrinação de todos aqueles que pertencem à família paraquedista. As tradições e o espírito de corpo não se decretam por despacho, constroem-se, fabricam-se, fomentam-se com o correr dos anos, das décadas independentemente de todos os possíveis atritos que possam existir (ETP, 2006).

2.1.3. Constituição da força Paraquedista Portuguesa

A força Paraquedista Portuguesa, não se encontra aquartelada numa única localização geográfica, como o é o caso das unidades da Brigada Mecanizada. Com os seus Batalhões, o 1º, o 2º e o BOAT em localizações distintas, está enquadrada e inserida na organização da BrigRR. É a partir desta organização que delimitamos a nossa pesquisa.

2.1.3.1. BrigRR – Brigada de Reação Rápida

A Brigada de Reação Rápida, antecedida pela Brigada Aerotransportada Independente (BAI), criada a 1 de janeiro de 1994 que, por sua vez, provinha da extinção do Corpo de Tropas Paraquedistas na Força Aérea Portuguesa e do Regimento de

¹¹ Uso do brevet de paraquedismo militar

Comandos no Exército, é uma das mais recentes Grandes Unidades do Exército Português (Exército Português, 2010).

Desde 23 de maio de 2006, data em que assume a atual designação, engloba na sua constituição o Grupo de Helicópteros do Exército, a Força de Operações Especiais, os Batalhões de Paraquedistas, o Batalhão de Comandos, o Batalhão Operacional Aeroterrestre, o Esquadrão de Reconhecimento, o Grupo de Artilharia de Campanha, a Bateria de Artilharia Antiaérea, a Companhia de Engenharia, a Companhia de Transmissões, a Companhia de Comando e Serviços e o Batalhão de Apoio de Serviços (Exército Português, 2010).

É, assim, constituída uma Brigada com capacidade de dar resposta plausível à emergente necessidade do país fazer projetar rapidamente e com custos aceitáveis, forças de combate e respetivos apoios para os teatros onde tal seja necessário ou solicitado.

Assim, de acordo com o Sistema de Forças Nacional sob a dependência do Comandante da BrigRR existe uma estrutura fixa, constituída pelos Regimentos de Infantaria N°3 (RI3 - Beja), N°10 (RI10 – S. Jacinto), N°15 (RI15 - Tomar), pela Unidade de Aviação Ligeira do Exército (UALE), pela Escola de Tropas Paraquedistas (ETP) ambas em Tancos, pelo Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE) em Lamego, pelo Centro de Tropas Comandos (CTC) na Serra da Carregueira e pelo Regimento de Artilharia N°4 (RA4) em Leiria, unidades estas, responsáveis pela manutenção do treino e prontidão das unidades operacionais a elas atribuídas (Exército Português, 2010).

Tem, assim, a BrigRR na sua Estrutura Operacional, para além do Comando e Estado-Maior, dois Batalhões de Paraquedistas, um Batalhão de Comandos, um Grupo de Artilharia de Campanha, um Esquadrão de Reconhecimento, uma Companhia de Engenharia, uma Bateria de Artilharia Antiaérea, uma Companhia de Transmissões, a Força de Operações Especiais, a Unidade de Helicópteros do Exército e o Batalhão Operacional Aeroterrestre como se mostra na Figura 1.

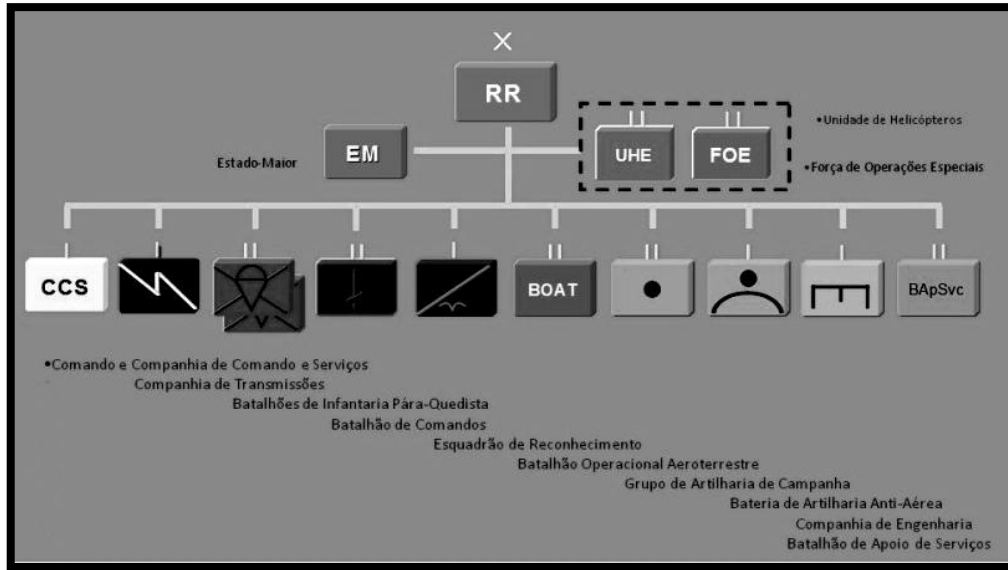


Figura 1 – Organograma da Brigada de Reação Rápida

Fonte: www.operacional.pt

A localização geográfica de cada uma das subunidades pertencentes à BrigRR é a que se apresenta na Figura 2.

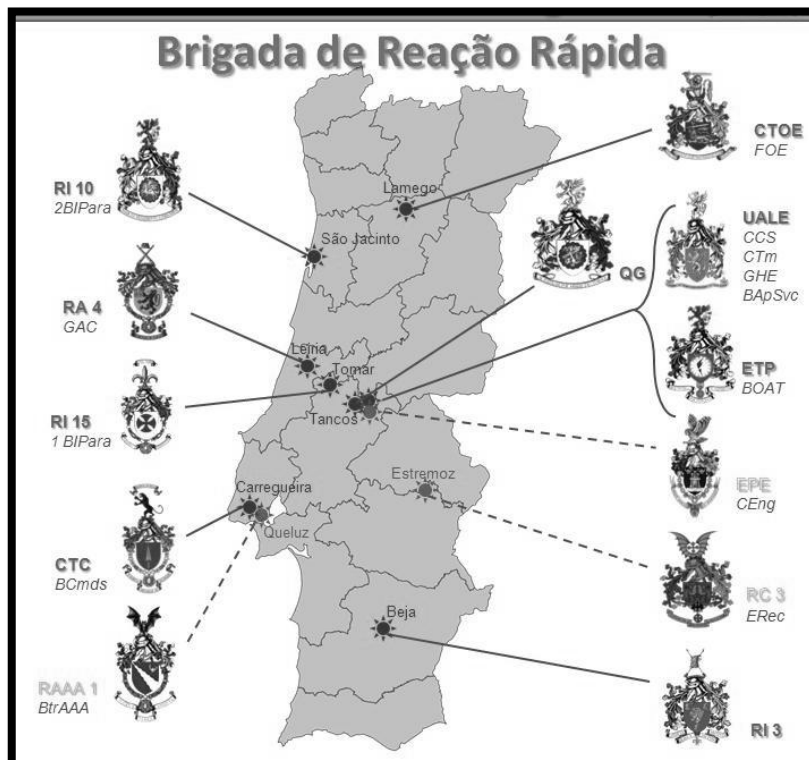


Figura 2 – Distribuição Geográfica das subunidades da BrigRR

Fonte: www.exercito.pt

2.1.3.2. Os Batalhões de Infantaria Paraquedista (1º e 2º BIPara)

Aquartelado em Tomar, o primeiro, e em S. Jacinto, o segundo, têm desde agosto e maio de 1999, respetivamente, a designação de “Batalhão de Infantaria Paraquedista (BIPara).

Dos respetivos Quadros Orgânicos de Pessoal (QOP), aprovados pelo Estado-Maior do Exército (EME) a 2 de dezembro de 2009, número extrai-se que são “(...) uma força de infantaria ligeira, vocacionada para as operações convencionais, com capacidade de projeção imediata e elevado estado de prontidão, caracterizando-se pela concentração de potencial de combate, rapidez na ação e flexibilidade, dotadas de capacidade de inserção no Teatro de Operações através de salto em paraquedas” (Estado-Maior do Exército, 2009).

São unidades de manobra da Brigada, constituídas por três Companhias de Paraquedistas e outras valências de apoio de combate e de serviços, das quais interessa destacar os pelotões de reconhecimento, anticarro e de morteiros médios, para além das que lhe permitem exercer o comando e controlo das atividades de todas as suas unidades e das que lhe forem atribuídas. Sobressai da análise do equipamento disponível, que estas unidades, dada a sua característica ligeira, não possuem, organicamente, viaturas blindadas nem equipamento para controlo de tumultos. Diz-nos também a história recente destas unidades que, para o desempenho das missões que lhes foram atribuídas, foram reforçadas com os equipamentos e viaturas necessárias tendo, para isso, recebido formação específica.

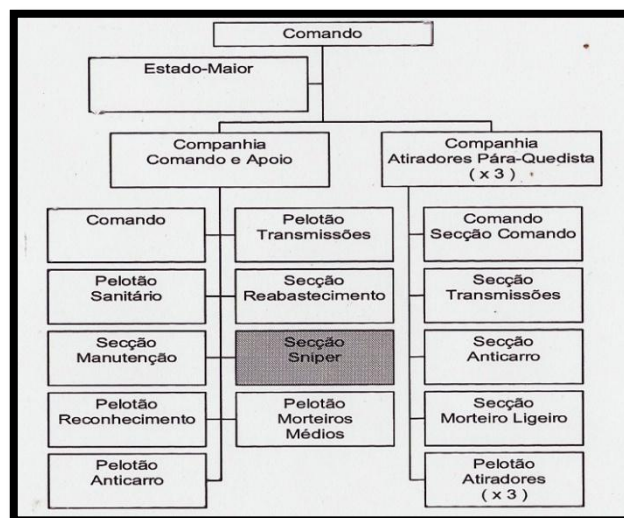


Figura 3 – Organograma de um BIPara

Fonte: QOP (Estado-Maior do Exército, 2009)

2.1.3.3. BOAT – Batalhão Operacional Aeroterrestre

Tem como antepassados o Grupo Operacional Aeroterrestre (GOAT), pertencente ao extinto Corpo de Tropas Paraquedistas da Força Aérea Portuguesa e o Batalhão de Apoio Aeroterrestre (BAAT) que surgiu simultaneamente com a BAI a 1 de janeiro de 1994 (Exército, 2010).

De acordo com os QOP aprovados a 8 de fevereiro de 2010 pelo EME este Batalhão adotou a atual designação na mesma data e tem as seguintes capacidades:

“(…) a) O BOAT é uma unidade operacional (…) que fornece (…) apoio tático, técnico e logístico, exclusivamente vocacionada para o Apoio Aeroterrestre. É organizado modularmente em Companhias que integram sub-capacidades específicas de: (I) Operação de Bases de Partidas; (II) Equipamento Aéreo; (III) Abastecimento Aéreo e (IV) Controlo de Tráfego Aéreo, Operação de Zonas de Lançamento e de Aterragem para aviões e helicópteros; b) Organiza Destacamentos de Apoio Aeroterrestre para a preparação da projeção de Forças, lançamento das operações Aerotransportadas, Operações Aeromóveis, e ainda, o Controlo de Tráfego Aéreo nas Bases de Partida, Zonas de Aterragem e de Lançamento” (Estado-Maior do Exército, 2010).

Para o efeito, está organizado em quatro companhias que materializam as diferentes capacidades enunciadas, como representado no organigrama seguinte.

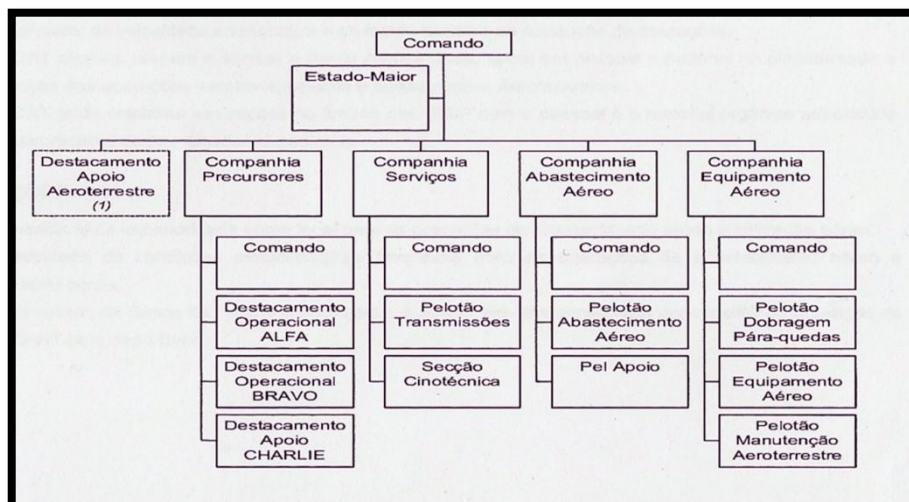


Figura 4 – Organigrama do BOAT

Fonte: QOP (Estado-Maior do Exército, 2010)

2.1.4. Material e Equipamento

O material e equipamento utilizado é o descrito pelos respetivos QOM que, pela sua extensão, constituem os anexos 2, 3 e 4 a este documento.

2.2. Análise aos Conflitos Recentes

Neste subcapítulo por uma questão de objetividade analisamos os dois Teatros de Operações em que Portugal mantém atualmente forças do exército

Começaremos, no entanto, por definir alguns conceitos que serão utilizados ao longo do presente trabalho.

2.2.1. Conceitos

Conflito – “ Uma situação de competição em que as partes estão conscientes da incompatibilidade das posições possíveis e na qual cada uma delas quer ocupar uma posição que é incomparável com a que a outra parte quer ocupar (Choque Internacional) ” (Kenneth Boulding *in* Borges, 2008, p. 2) Este difere da competição, porque não abrange a luta do homem com o meio físico, e nesta os competidores não se impedem mutuamente de alcançarem os seus objetivos. (Borges, 2008, p. 2)

Crise – “É uma sequência de interações entre os Governos de dois ou mais Estados, em conflito intenso, perto da iminência da Guerra, porém com a perceção do perigo que representa uma elevada probabilidade de Guerra” (Borges, 2008, p. 6) Esta não é mais do que uma rotura do equilíbrio existente, com um aumento de tensão e ameaça da guerra, ou seja situa-se entre a Guerra e a Paz.(*Ibidem*)

Espetro do Conflito – Com base no PDE 3-00 (2012, p. 2/1), “ o espectro do conflito é o pano de fundo para as operações conduzidas pelas forças terrestres, Figura 5, (...) abrange (...) desde a paz estável até à guerra total. Inclui nos seus níveis intermédios, a paz instável e a subversão.”

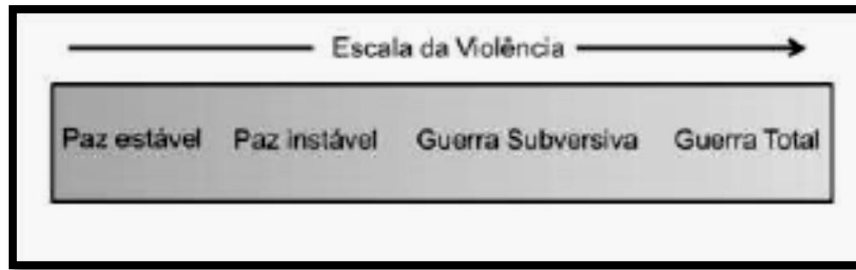


Figura 5 – Espetro do Conflito

Fonte: PDE 3-00 (2012, p. 2/1)

Guerra – “ Ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade” (Clausewitz *in* Borges, 2008, p. 5). Ainda assim, O General Abel Cabral Couto, *in* Borges (2008, p. 8), refere a guerra como uma “ violência organizada entre grupos políticos em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares”.

Paz – Este conceito tem-nos aparecido, hoje em dia, como “ a suspensão, mais ou menos durável das modalidades violentas da rivalidade entre os Estados. Costuma dizer-se que reina a paz quando o intercâmbio entre as nações não se manifesta por meio de formas militares de luta” Aron *in* Borges (2008, p. 11). Segundo o General Lopes Alves, *in* Borges (2008, p. 12), “ a guerra existe sempre associada à Paz, com interpenetração dos dois fenómenos no tempo e no espaço, sendo a passagem de um para o outro marcada por transformações mais ou menos profundas nos diversos sectores da vida dos Estados e das Nações”.

Teatro de Guerra (TG) e Teatro de Operações (TO) - Um TG é todo o espaço aéreo, marítimo ou terrestre que está ou poderá vir a estar envolvido na conduta da guerra; um TO é a parte do TG necessária para a condução ou apoio de ações de combate (Ministério da Defesa Nacional, 2012, p. B/23).

2.2.2. Os Atuais TO's

Atualmente, Portugal, mantém forças de combate projetadas nos TO do Afeganistão e do Kosovo.

2.2.2.1. Afeganistão¹²

Fundado em 1747 por Ahmad Shah Durrani através da união das tribos Pashtun¹³, o Afeganistão serviu como país tampão entre os Impérios Inglês e Russo até 1919, ano em que obteve a independência dos Ingleses (CIA, 2012a).

No ano de 1979, é invadido pela União Soviética em apoio do instável regime Comunista Afegão vigente, resultando numa violenta guerra que se arrastou até 1989, aquando da retirada daquela, por manifesta incapacidade de neutralizar a oposição Mujahedin¹⁴. Seguiram-se uma série de guerras civis que fizeram a cidade de Kabul cair nas mãos do movimento Paquistanês Taliban (*Ibidem*).¹⁵

Após os ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001 nas cidades Norte-Americanas de Nova Iorque e Washington D.C., foi decretada uma ação militar contra o Afeganistão por ter dado abrigo a Osama Bin Laden, que, supostamente terá ordenado esses mesmos ataques. Em 2001 começou um processo de reconstrução política e, em 2004, é eleito democraticamente o primeiro presidente Afegão. No entanto, até aos dias de hoje, uma contínua instabilidade permanece nos distritos mais a sul e a este do país (*Ibidem*).¹⁶ A ISAF (International Security Assistance Force) no terreno desde 2003, liderada pela OTAN, tem como objetivo ajudar o Governo Afegão a manter a paz, através do treino equipamento das forças locais, para construir uma capacidade política mais forte (Human Security Report Project)¹⁷.

Desde 2005, Portugal contribui com FND's para este TO com unidades de Comandos, Paraquedistas e ainda Fuzileiros.

Num ambiente dominado pela insegurança provocada pelas ações e atentados levados a cabo por movimentos radicais islâmicos, em 20 de Novembro de 2010, a OTAN concordou em passar o controlo da segurança do Afeganistão, até ao final de 2014 para o governo Afegão (Human Security Report Project).

¹² Ver Apêndice 2.

¹³ Pashtun, religião islâmica. Habitantes do Sudeste Afegão e do Noroeste Paquistanês. Apesar de serem um dos maiores grupos étnicos no Afeganistão, não há relatos históricos do seu território ou cultura. São nómadas, com uma organização sobretudo tribal (Everyculture, 2012)..

¹⁴ Mujahedin, do Árabe, Lutadores. É um termo aplicado a qualquer Muçulmano, que se junta à guerra santa *Jihad*. Usado hoje em dia por muitos grupos terroristas Islâmicos. (Encyclopedia of the Middle East, 2008) (Tradução livre ao encargo do autor).

¹⁵ Tradução livre ao encargo do autor.

¹⁶ Tradução livre ao encargo do autor.

¹⁷ Tradução livre ao encargo do autor.

Para este TO, Portugal contribuiu com um “pacote” de forças com atribuições tão distintas como a acessoria aos quadros superiores do Exército Afegão, a segurança ao aeroporto de Kabul e ainda outras de carácter administrativo-logístico. Destas, para o objetivo deste trabalho destacamos a Companhia de Proteção integrada na Unidade de Apoio (UnAp) ao contingente nacional. Consultado o CJSOR¹⁸ (Combined Joint Statement of Requirements) respetivo, extrai-se a exigência da força destacada, com a tarefa de garantir a proteção às unidades ou destacamentos do contingente nacional na execução das suas tarefas, possuir capacidade própria de transporte, proteção, poder de fogo e equipamentos CSI (Comunicações e Sistemas de Informação) adequados (NATO, 2011).

2.2.2.2. Kosovo¹⁹

Na década de oitenta, Slobodan Milosevic²⁰ subiu ao poder em Belgrado através da exploração do nacionalismo sérvio e da questão do Kosovo. Assim, suspendeu a autonomia do Kosovo e iniciou o despedimento de todos os empregados de origem Albanesa. Numa tentativa de resposta pacífica, os líderes do Kosovo de origem Albanesa, liderados por Ibrahim Rugova²¹, começaram um movimento de contestação que, por não ter resultados se transformou gradualmente e assumiu a forma de resistência armada. Com o nome de Kosovo Liberation Army (KLA) tinha o objetivo de obter a independência do Kosovo²² (Bureau of European and Eurasian Affairs, 2012).

Em 1998, Milosevic lançou uma campanha contra os Kosovares de etnia Albanesa, obrigando a que mais de 800.000 abandonassem as suas casas. A mediação internacional levou aos Acordos de Rambouillet²³ que Milosevic não aceitou. Esta recusa conduziu ao

¹⁸ CJSOR ISAF 11.5 - Por se tratar de um documento com classificação OTAN não constituirá apêndice ou outra qualquer parte deste trabalho.

¹⁹ Ver Apêndice 3.

²⁰ Milosevic, Slobodan. Presidente da Sérvia de 1990 a 2000 e presidente da Jugoslávia de 1997 a 2000. Após uma carreira como bancário, fundou o Partido Socialista da Sérvia. Autor da crise do Kosovo e dos confrontos com a OTAN, em 2000 perdeu o poder e foi acusado de crimes contra a humanidade. Morreu na sua cela em 2006. (Tradução livre, ao encargo do autor) (Biography, 2012).

²¹ Rugova, Ibrahim. Fundador do partido Liga Democrática do Kosovo (LDK), durante a crise do Kosovo tornou-se líder do KLA na busca da paz. Em 2002 foi eleito presidente do Kosovo. Morreu em 2006 de cancro. (Tradução livre ao encargo do autor) (Ibrahim Rugova).

²² Tradução livre ao encargo do autor.

²³ Os Acordos de Rambouillet – Acordo interino de três anos que providenciava um governo autónomo, paz e segurança a todos os habitantes do Kosovo (Tradução livre ao encargo do autor) (Bureau of European Affairs, 1999).

lançamento de uma campanha militar, por parte da OTAN, com vista a acabar com a violência no Kosovo. Esta campanha consistiu numa série de bombardeamentos aéreos sobre alvos no interior da República Federal da Jugoslávia, incluindo Belgrado, e concluiu ao fim de setenta e oito dias com a capitulação de Milosevic. O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) adotou, a então, Resolução 1244 que suspendia o poder de Belgrado sobre o Kosovo, estabeleceu a UNMIK (United Nations Interim Administration Mission in Kosovo) e autorizou uma operação de Manutenção de Paz por parte da OTAN (*Ibidem*)²⁴.

Esta missão da OTAN, designada KFOR, tem como missão manter um ambiente seguro, como descrito na resolução 1244 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, nos territórios que constituem o Kosovo (NATO, 2012)²⁵.

Foi integrado na KFOR, que Portugal, no ano de 1999 com o AGRBRAVO (Agrupamento Bravo) da BAI, contribuiu com trezentos homens. Até à atualidade, Portugal já contribuiu com mais de 4000 homens, através das unidades prontadas pelas três Brigadas do seu sistema de forças.

Persiste ainda um ambiente de desconfiança e mal-estar entre as etnias principais – sérvios e albaneses.

As forças destacadas por Portugal, para este TO, constituem a reserva tática do comandante do teatro e, consultando o CJSOR²⁶ respetivo, têm como exigência garantir uma equipa de operações especiais, um pelotão de reconhecimento, duas companhias de infantaria montadas em viaturas blindadas de rodas e uma companhia de comando e serviços. Todas estas subunidades devem ser helitransportáveis e com autossuficiência para ser destacadas e conduzir operações até nível batalhão. Devem, ainda, ter capacidade para desempenhar todas as tarefas de uma força de uma unidade de infantaria incluindo controlo de tumultos. (NATO, 2010)

2.2.3. Considerações

À guisa de conclusão da análise efetuada aos documentos e fontes consultadas, podemos afirmar que, hoje em dia, os dois TO em apreço apresentam características

²⁴ Tradução livre do encargo do autor.

²⁵ Tradução livre ao encargo do autor.

²⁶ CJSOR KFOR GATES 2 E 3 - Por se tratar de um documento com classificação OTAN não constituirá apêndice ou outra qualquer parte deste trabalho.

diferentes devendo, por isso, ser incluídos em faixas distintas do espectro do conflito anteriormente apresentado. Esta observação é também suportada pelas capacidades exigidas às forças a destacar para cada um deles que, pelo detalhe como estão expressas, permitem desenhar planos de aprontamento completamente distintos e com exigências diferentes. No caso do Kosovo, onde a atuação da força destacada está diretamente relacionada com o conceito de operação do Comandante que dispõe desta como a sua reserva tática, as características atuais do ambiente vivido permitem incluí-lo na zona da paz instável uma vez que, de momento, não existe nenhum movimento ou organização ativos com objetivos subversivos. Quanto ao caso da força destacada para o Afeganistão, esta tem a sua atuação centrada na garantia da proteção e segurança dos militares portugueses que compõem o contingente nacional no desempenho das suas tarefas de acessoria militar às unidades afegãs às quais estão atribuídos. Têm que atuar num ambiente caracterizado pela continuada existência de movimentos radicais islâmicos que, pela violência das suas ações e seus objetivos de impedir a ação do governo e do estado afegão, pode ser designado de guerra subversiva.

Capítulo 3

Metodologia e Procedimentos

Neste capítulo apresentaremos a metodologia científica usada para o trabalho de campo. Especificaremos o método de abordagem ao problema inicial e as técnicas usadas, assim como analisaremos a amostragem e os dados recolhidos. Para o efeito recorreremos, pela utilidade e clareza como estão expressos os conceitos e métodos, aos textos e obras e publicados pelos Professores Clara Pereira Coutinho e António Carlos Gil, de Raymond Quivy e Luc van Campenhoudt e ainda de Graça Silva, Joana Azeredo e Vitória Pinto.

3.1. Método de Abordagem ao Problema

De acordo com Gil (1999, p. 27) “A adoção de um ou outro método depende de muitos fatores: da natureza do objeto que se pretende pesquisar, dos recursos materiais disponíveis, do nível de abrangência do estudo e sobretudo da inspiração filosófica do pesquisador”.

Neste estudo consideraram-se as Tropas Paraquedistas como uma organização representada pelos dois Batalhões de Infantaria Paraquedistas e o Batalhão Operacional Aeroterrestre que compreende valências tão diferentes mas complementares como os percursos, o abastecimento aéreo e o equipamento aéreo. Sendo o objeto da investigação verificar se as atuais capacidades das Tropas Paraquedistas correspondem às exigências dos cenários em que provavelmente poderão ser empregues, julga-se adequado o “estudo de caso”, pois, de acordo com Silva, Azeredo, & Pinto (2005, p. 1) “(...) é uma metodologia de cariz qualitativo (...) com um plano de investigação que se concentra no estudo pormenorizado e aprofundado, no seu contexto natural, de uma entidade bem definida: o caso ”. As mesmas autoras adiantam que tudo pode ser um caso, desde um indivíduo a um pequeno grupo, a uma organização ou até mesmo um incidente. (Silva, Azeredo, & Pinto, 2005)

Assim, esta investigação assume a forma de um estudo qualitativo sobre a aplicabilidade das tropas paraquedistas portuguesas para os cenários em que atualmente com maior probabilidade poderão ser empregues.

Sendo um estudo de caso, este “(...) baseia-se no raciocínio indutivo (...)” (Bravo, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996 *in* Silva, Azeredo, & Pinto, 2005, p. 2) para o qual considera apenas uma única hipótese para responder à pergunta de partida. Daí em diante procede-se à conjugação de vários outros conceitos e hipóteses tendo em vista encontrar resposta para os diferentes aspetos que compõem o problema (Quivy & Campenhoudt, 2008).

3.2. Técnicas e Procedimentos

O primeiro passo foi conceber um raciocínio condutor que ditasse o desenvolvimento de toda a investigação e que permitisse, de uma forma sólida, arrancar com o processo de investigação. Como ponto de partida, havia que construir uma base de conhecimentos suficientemente completa e abrangente que nos permitisse, com a maior segurança possível, construir um caminho coerente que conduzisse à resposta ao problema. Para cumprir esta tarefa tratámos de localizar e aceder às referências documentais mais atualizadas, nacionais e estrangeiras, que contivessem os dados necessários.

Para tal, optou-se por uma pesquisa na literatura existente livros, revistas e artigos da especialidade, tanto na Biblioteca da Academia Militar - Sede, como na do Aquartelamento da Amadora. Uma vez que estão incluídos neste estudo teatros de operações sob o comando das estruturas da OTAN, recorreu-se também a extratos dos CJSOR respetivos, documentação classificada arquivada no Comando das Forças Terrestres, para obter a informação necessária. Fundamentais foram também os quadros orgânicos das unidades paraquedistas em estudo. Outra das principais fontes para a obtenção de dados acerca do tema foi a pesquisa *online*, em virtude de, atualmente, ser o local privilegiado de armazenamento de documentação em formato digital.

Para além do referido, com o intuito de obter as sensibilidades das pessoas que mais diretamente lidam com este assunto, entrevistámos um conjunto de oficiais do Exército cujas funções, direta ou indiretamente, tivessem relação com o objeto da investigação e que julgamos poder ser considerada representativa das sensibilidades dos componentes do universo em estudo.

A entrevista é vista como uma interação social onde uma das partes está em busca de conhecimento para a obtenção de dados que interessam à investigação, e a outra parte se disponibiliza para fornecer essa mesma informação (Gil, 1999).

De acordo com Seltiz et al *in* Gil (1999, p. 117), “(...) a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes”; é defendida por vários autores “(...) como a técnica por excelência na investigação social, atribuindo-lhe valor semelhante ao tubo de ensaio na Química e ao microscópio na Microbiologia.” (Gil, 1999, p. 117).

A entrevista é a técnica mais flexível para a coleta de dados, existindo vários tipos, conforme o seu nível de estruturação. As entrevistas que necessitam de uma estrutura mais fixa são aquelas que predeterminam em maior grau as respostas que se esperam obter; aquelas que são menos estruturadas, são elaboradas de uma forma mais espontânea, sem um modelo estabelecido à priori (Gil, 1999). Para este caso, a entrevista estruturada foi a técnica utilizada. Esta “ (...) desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados (...) ” (Gil, 1999, p. 121).

Estas entrevistas têm como principais características o facto de serem mais rápidas de executar, não necessitarem de uma exaustiva preparação dos pesquisadores, tendo portanto custos mais reduzidos. Acima de tudo, são mais fáceis no que toca ao tratamento estatístico das respostas uma vez que estas estão já padronizadas. Uma contrapartida é o facto de as respostas, ao serem padronizadas, impedirem uma análise dos factos com uma maior profundidade. (Gil, 1999).

O modelo da entrevista encontra-se em apêndice²⁷ e foi elaborado com dois blocos principais de perguntas. O bloco A, onde o entrevistado responde a perguntas do foro profissional e pessoal: nome, posto, arma ou serviço e a função que desempenha; o bloco B, onde o entrevistado responde a perguntas do foro técnico relacionadas com o tema.

²⁷ Ver Apêndice 1

3.4. Local e Data de Recolha de Dados

Para além da consulta bibliográfica que decorreu, de forma sistemática, desde o primeiro momento e ao longo de todo o trabalho de investigação com deslocações à Academia Militar – Sede, ao Comando das Forças Terrestre, à Escola de Tropas Paraquedistas, ao Quartel-General da Brigada de Reacção Rápida e ao Regimento de Infantaria nº15, conduziram-se, como referido anteriormente, as entrevistas. Obtido o consentimento dos entrevistados, foram enviadas eletronicamente a partir do dia 17 de Julho de 2012 tendo as respostas sido obtidas entre 19 e 25 de Julho de 2012.

3.5. Amostragem: Composição e Justificação

Amostragem, de acordo com Coutinho (2011, p. 85), “é o processo de seleção do número de sujeitos que participam num estudo”. Como Gil refere (1999, p. 99), “Universo ou população, é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características.” Dentro desta, existe a população disponível ou acessível, que será da qual se selecionará a amostra (Coutinho, 2011) que não é mais do que “(...) um grupo de sujeitos ou objetos selecionados para representar a população inteira de onde vieram” (Charles *in* Coutinho, 2011, p. 85).

A amostra pode ser probabilística, podendo determinar-se o grau de probabilidade de um elemento de uma certa população pertencer ou não à amostra; e ainda pode ser não probabilística onde não se consegue especificar a probabilidade de um elemento pertencer a uma dada população (Coutinho, 2011).

Dentro da amostragem não probabilística, o caso presente, o procedimento que se usou foi a amostragem por cotas. Assim de acordo com Gil (1999) e Coutinho (2011), a população é escolhida consoante as suas características e se se enquadram ou não com a investigação em questão.

Numa pesquisa social, onde o universo de elementos é tão vasto, é quase impossível considerá-los a todos, daí, numa investigação deste género, ser frequente trabalhar-se com uma amostra (Gil, 1999).

Para este estudo, foi identificado um grupo de nove Oficiais Gerais e Oficiais Superiores que, como dissemos, julgamos poder considerado representativo das sensibilidades dos elementos que constituem o universo em estudo. O racional para a

escolha baseou-se na cadeia de comando iniciando-se pelo Comandante das Forças Terrestres, seguindo-se o Comandante da Brigada de Reação Rápida. O primeiro porque comanda as Brigadas do nosso exército e o segundo porque comanda a Brigada onde estão enquadradas as Tropas Paraquedistas. Os Oficiais Superiores, são todos Coronéis e Tenentes-Coronéis. Foi convidado o 2º Comandante da Brigada de Reação Rápida pela sua grande experiência neste ramo e foram convidados os comandantes dos Regimentos de Infantaria Nº 10 (S. Jacinto - Aveiro) e Nº 15 (Tomar) por compreenderem na sua constituição o 2º e 1º BIPara, respetivamente, e o comandante da Escola de Tropas Paraquedistas (Tancos), onde está aquartelado o BOAT. Foram ainda convidados os comandantes de cada um dos batalhões supra mencionados.

No Apêndice 4 pode ser consultada a relação dos oficiais que foram entrevistados.

3.6. Meios Utilizados

Para este trabalho de investigação aplicada, recorreu-se sobretudo a meios informáticos, mais especificamente ao Microsoft Office™, com o mais recente acordo ortográfico em vigor.

Para a recolha de dados, dado que se recorreu a meios eletrónicos para a condução das entrevistas, apoiadas no questionário, foi novamente o recurso ao Microsoft Office™ ainda com a ajuda do correio eletrónico.

Capítulo 4

Apresentação, Análise e Discussão de Resultados

Concluída a fase de construção da base de conhecimentos, dados documentais e testemunhos colhidos das personalidades entrevistadas, basilar para o desenvolvimento da investigação, propomo-nos de seguida apresentar o resultado do trabalho de análise da informação obtida.

Este capítulo é constituído por três subcapítulos onde pretendemos, no primeiro, apresentar os resultados obtidos através da análise documental e das entrevistas efetuadas previamente.

No segundo subcapítulo procederemos à análise dos resultados. Através de tabelas que resumem os resultados das entrevistas identificaremos quais os pontos que cada entrevistado tem em comum para, tendo em conta o que no Capítulo 2 – Revisão da Literatura foi referido, conseguirmos ter uma perceção geral da opinião dos entrevistados acerca das três unidades em estudo: os dois BIPara e o BOAT. No mesmo capítulo, sempre que oportuno, confrontaremos esta informação com o que são as exigências impostas na documentação OTAN e nacional.

No terceiro subcapítulo retiraremos ilações do conteúdo do capítulo anterior quanto à verificação das hipóteses e respostas às questões derivadas. Concluiremos a nossa investigação com a resposta à pergunta de partida.

Apesar de apenas seis dos nove entrevistados terem respondido à entrevista estamos convencidos de que, por serem quem são e as funções que desempenham, tal facto não constitui um obstáculo à solidez das conclusões que foram retiradas.

4.1. Análise Documental

Como ponto de partida para a análise dos resultados, socorremo-nos da documentação oficial disponível, nomeadamente aquela produzida pela OTAN e pelo

EME, onde estão explanadas, quer as capacidades requeridas quer as possibilidades oferecidas pelas unidades a ser destacadas para as missões em que Portugal tem compromissos. Tratam-se, no caso dos documentos OTAN, de matéria classificada que, por motivos de segurança, apenas pode ser acedida por pessoal credenciado sendo que, no caso em apreço, nos foi permitido o acesso a extratos.

O objetivo foi claramente conseguido já que podemos saber com segurança, quais as capacidades exigidas pelos comandos superiores, em cada TO, para as forças que estão em aprontamento para ser destacadas.

A consulta dos QO (Quadros Orgânicos) de pessoal e material permitiu-nos saber que capacidades e possibilidades dispõem estas mesmas unidades.

Como resultado deste “cruzamento de dados”, obtivemos um panorama exato da relação “oferta-procura” que nos evidenciou a adequabilidade das unidades em estudo face ao que é exigido. Concretizando, a ausência de viaturas blindadas, equipamento específico de comunicações e equipamento para controlo de tumultos nos seus QO, requeridas para os TO em questão, são os campos com que as unidades se devem preocupar e garantir o treino adicional, no caso de serem nomeadas para aí cumprir a sua missão.

4.2. Apresentação, Análise e Discussão de Resultados

Neste subcapítulo iremos fazer a análise dos dados que obtivemos através das entrevistas. No nosso estudo, apesar de qualitativo, iremos adotar o método quantitativo para o tratamento destes dados, com o auxílio de tabelas. A análise qualitativa será apresentada na sequência da respetiva tabela. Como referido, sempre que oportuno, faremos o contraponto com o que está expresso na documentação OTAN e nacional consultada.

Perguntas 1.1 e 1.2**Tabela 1 – Resultados da pergunta 1.1**

Pergunta 1.1	A Constituição atual das tropas paraquedistas é indicada para responder às tarefas que mais provavelmente lhes podem ser atribuídas?						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda	X	X	X	X		X	5
Discorda					X		1

Ao analisarmos a pergunta 1.1, pudemos verificar que cinco dos entrevistados concordam que a atual constituição das tropas Paraquedistas é adequada ao atual cenário de possibilidades de emprego. As razões principais que apoiam esta escolha são acima de tudo a capacidade de intervenção que possuem para atuar em qualquer parte do território nacional e teatros de operações, devido à sua grande mobilidade, flexibilidade, capacidade modular e instrução diversificada que lhes conferem a possibilidade de serem configuradas e reorganizadas consoante a sua missão.

Confrontando estes resultados com as exigências dos CJSOR dos TO em estudo, detectam-se algumas lacunas em termos de material. Com os testemunhos pudemos saber que estas são conhecidas e que são preenchidas aquando da nomeação da unidade para a missão. Podemos assim confirmar que de facto a constituição das tropas paraquedistas está de acordo os cenários de probabilidade de emprego e que são de facto muito flexíveis, ligeiras e de grande mobilidade. Com a sua configuração idêntica, os dois BIPara conseguem se for necessário reforçar-se um ao outro. Quanto ao BOAT, as capacidades que apresenta são testadas e validadas diariamente em condições reais o que permite deduzir positivamente da sua adequabilidade para as tarefas que lhe forem atribuídas.

Tabela 2 – Resultados da pergunta 1.2

Pergunta 1.2	A Organização territorial das tropas paraquedistas é indicada para responder às tarefas que mais provavelmente lhes podem ser atribuídas?						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda					X	X	2
Discorda	X	X		X			3

Não Comentou			X				1
--------------	--	--	---	--	--	--	---

A pergunta 1.2 aborda a questão do dispositivo territorial das tropas paraquedistas. As unidades paraquedistas não se encontram todas juntas num só perímetro militar. Elas encontram-se dispersas, fundamentalmente, em duas localizações: centro e norte do país. Do universo dos entrevistados, três discordam que estas unidades estejam separadas, por razões maioritariamente do foro dos recursos monetários e pela dificuldade que representa esta dispersão para o comando e controlo. Dois dos entrevistados referem que esta dispersão foi natural, dado que a adoção das unidades, que anteriormente já existiam, foi a principal intenção e não uma adaptação precisa. Denotaram que esta era importante para o recrutamento, evita os aglomerados militares e possibilita uma maior interação com a população, especialmente quando se trata de apoiar OMIP (Outras Missões de Interesse Público).

Fazendo uma análise aos resultados desta pergunta, observamos que existe uma discordância dentro da amostra, o que nos leva a crer que a organização territorial é um tema ainda a debater a um nível superior, pois não se sabe se o ênfase deve ser dado à aplicabilidade desta a nível tático, estratégico ou até político. Houve, no entanto, concordância em que, atualmente, este fator não constitui um obstáculo à maior ou menor adequabilidade das unidades para o cumprimento das suas missões.

4.2.1. Perguntas 2.1, 2.2 e 2.3

Tabela 3 – Resultados das perguntas 2.1 e 2.2

Perguntas 2.1 e 2.2	Considera o treino efetuado nas seguintes unidades suficiente para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego? 2.1 – 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista 2.2 – 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda	X	X	X	X	X		5
Discorda							-

Não Comentou						X	1
--------------	--	--	--	--	--	---	---

Dada a semelhança entre os dois BIPara a análise das perguntas 2.1 e 2.2 que são idênticas, será feita no seu conjunto. O objetivo foi saber se o treino nos dois BIPara seria suficiente para corresponder aos atuais TO's. Na sua maioria, cinco dos entrevistados concordaram que o treino efetuado nestas unidades era o suficiente, dado a sua constituição e fruto das lições aprendidas em FND's anteriores e atendendo ao treino base. Este treino base, é estipulado pelo Plano Integrado Treino Operacional (PITOP) que dita cada parâmetro para as subunidades de cada brigada treinarem. O facto do treino ministrado pelas tropas paraquedistas ser de elevada qualidade, foi também um dos pontos tocados. De facto, na sua formação complementar com vista à obtenção da qualificação como paraquedista, o militar recebe formação, que posteriormente desenvolve no âmbito do treino operacional do batalhão em que é inserido, que lhe permite atuar e sobreviver em ambiente de guerra subversiva, como implicitamente requerido para o caso do Afeganistão. Os batalhões têm, no seu planeamento anual blocos de treino vocacionado para a prática de Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) características do ambiente de Guerra Subversiva.

Apesar da diversidade de funções que cada elemento da amostra apresenta, a uniformidade das suas opiniões reflete que o treino praticado pelos dois BIParas é o suficiente para corresponder às exigências dos TO's. De acordo com o PITOP, caso seja necessário um treino mais específico, nomeadamente do que diz respeito a controlo de tumultos, como é o caso do Kosovo, o aprontamento para as missões suprime essas falhas.

Tabela 4 – Resultados da pergunta 2.3

Pergunta 2.3	Considera o treino efetuado nas seguintes unidades suficiente para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego? 2.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda	X		X		X	X	4
Discorda							-

Não Comentou		X		X			2
--------------	--	---	--	---	--	--	---

Com a pergunta número 2.3 a análise tende agora para o Batalhão Operacional Aeroterrestre. Quatro dos entrevistados concordaram que o treino era suficiente. Do total que concordou dois referem que o BOAT, devido à sua especificidade e volume de trabalho, atua sempre em condições de situação real. Os outros dois entrevistados que concordaram referem novamente o PITOP e que, dentro deste, o “treino” tem sido adequado.

4.2.2. Perguntas 3.1, 3.2 e 3.3

Tabela 5 – Resultados da pergunta 3.1 e 3.2

Perguntas 3.1 e 3.2	Perante os Quadros orgânicos, as seguintes unidades terão efetivo suficiente para fazer face a estes mesmos cenários?						
	3.1 – 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista						3.2 – 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda		X					1
Discorda	X			X			2
Não Comentou						X	1
Não Concorda nem Discorda			X		X		2

As perguntas 3.1, 3.2 e 3.3 abordam a temática do efetivo das três unidades em estudo. Dois elementos não concordam nem discordam, apenas dão uma opinião sobre esta pergunta: referem a modularidade como resposta e ainda que os Quadros Orgânicos são apenas uma referência; o que realmente está, atualmente, estabelecido como objetivo para as unidades operacionais do exército são os níveis de levantamento. Um dos entrevistado concorda que têm efetivo suficiente para o atual quadro de missões atribuídas que, na realidade envolvem um efetivo muito reduzido se comparado como dos batalhões,

enquanto que outro discorda nomeadamente pelo facto de haver quebras no efetivo das estruturas de apoio de serviços; as companhias com tarefas de apoio administrativo-logístico tem grandes dificuldades em obter os especialistas previstos no respetivo quadro orgânico.

Estas falhas, como as indicadas na análise das perguntas anteriores, são colmatadas aquando da nomeação e aprontamento da unidade para cumprir a sua missão no exterior.

Tabela 6 – Resultados da pergunta 3.3

Pergunta 3.3	Perante os Quadros orgânicos, o BOAT terá efetivo suficientes para fazer face a estes mesmos cenários?						
	3.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda							-
Discorda							-
Não Comentou	X	X		X			3
Não Concorda nem Discorda			X		X	X	3

Nesta pergunta, três elementos não concordam nem discordam, pelas mesmas razões da pergunta 3.1 e 3.2. reiteram novamente a modularidade.

Podemos retirar da análise às respostas às três perguntas que os quadros orgânicos de pessoal são vistos apenas como uma referência; que deve ser, por outro lado, tido em conta os níveis de levantamento que são considerados os indicadores da capacidade mínima da unidade para se manter ativa. Daí a opinião maioritária de que as unidades não necessitam de estar a cem por cento e que a capacidade modular das tropas paraquedistas compensam esta necessidade. Contudo, continuam a observar-se lacunas nomeadamente na componente do apoio de serviços.

4.2.3. Perguntas 4.1, 4.2 e 4.3

Tabela 7 – Resultados das perguntas 4.1 e 4.2

Perguntas 4.1 e 4.2	Qual o nível de adequabilidade do atual equipamento destas unidades, tendo em conta estes cenários?						
	4.1 – 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista 4.2 – 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Não comentou			X		X		2
Opinou	X	X		X		X	4

As opiniões convergem no sentido de que os equipamentos disponíveis são os adequados e que, no caso de preparação e projeção da unidade para um dos TO, o equipamento necessário e não contemplado nos QO, como são os casos das viaturas blindadas, do equipamento para controlo de tumultos e equipamento de comunicações específico é fornecido para efeitos de treino e cumprimento da missão.

Tabela 8 – Resultados da pergunta 4.3

Pergunta 4.3	Qual o nível de adequabilidade do atual equipamento destas unidades, tendo em conta estes cenários?						
	4.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Não comentou	X	X		X			3
Opinou			X		X	X	3

As opiniões convergem no sentido de que o material é adequado e o mais recente a nível mundial.

Aqui conseguimos afirmar, após a análise dos resultados e comparação com os CJSOR e QO das unidades em estudo, que o material é adequado embora existam faltas. É óbvio que dada a nossa conjuntura, a capacidade de dotar as unidades com material novo é praticamente impossível. No entanto, nas FND's, durante o aprontamento e na missão propriamente dita é ou deve ser fornecido material específico para cada TO em que a força tenha de se empenhar. No que toca à componente aeroterrestre, dada o seu carácter sempre real e onde não há espaço para erros humanos, quanto mais de material, este deve ser todo do mais moderno e mais recente.

4.2.4. Perguntas 5.1, 5.2 e 5.3

Tabela 9 – Resultados das perguntas 5.1 e 5.2

Pergunta 5.1 e 5.2	Considera o equipamento suficiente para operacionalizar na totalidade:						
	5.1 – 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista						5.2 – 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda					X		1
Discorda	X	X					2
Não Comentou			X	X		X	3

Um dos entrevistados é de opinião que o material é suficiente enquanto que dois outros discordam dadas as lacunas existentes a nível de comunicações, viaturas e armamento nos dois BIPara, mesmo considerando o objetivo do nível de levantamento.

O material que existe em cada um dos BIPara não é suficiente para operacionalizar cada um deles. Esta situação tem maior evidência nas viaturas e equipamentos de comunicações. No que toca a armamento este está operacional.

Apesar do referido, e como já indicado em respostas anteriores, o equipamento não existente e exigido para materializar as capacidades exigidas nos CJSOR dos TO onde estas unidades podem ser empenhadas, é fornecido para efeitos do treino, aprontamento e cumprimento da missão.

Tabela 10 – Resultados da pergunta 5.3

Pergunta 5.3	Considera o equipamento suficiente para operacionalizar na totalidade: 5.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda			X		X	X	3
Discorda							-
Não Comentou	X	X		X			3

Três dos entrevistados são de opinião que é suficiente sublinhando que a única lacuna será o tempo de vida dos paraquedas que começa a extinguir-se já no início do ano de 2013.

Na componente aeroterrestre, o material é o suficiente para operacionalizar o BOAT na sua totalidade.

É assim, patente, que o BOAT dispõe de material e equipamentos com qualidade e atualizados em quantidade suficiente para equipar a totalidade do efetivo.

4.2.5. Pergunta 6

Tabela 11 – Resultados da pergunta 6

Pergunta 6	Considera suficiente a frequência das Tropas Paraquedistas na participação em exercícios de nível operacional?						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda					X		1
Discorda	X	X		X		X	4
Não Comentou			X				1

Nesta pergunta aborda-se o tema do treino a nível operacional. A razão que fundamenta esta pergunta reside no facto de as operações que estão atribuídas às unidades

destacadas nos TO estarem frequentemente sob comando de um comandante operacional da OTAN. Quatro dos elementos discordam e referem que a conjuntura atual e os condicionamentos financeiros limitam a participação em exercícios. Um concorda, refere que em conjunto com outros exercícios de outros ramos consegue-se otimizar o processo.

O treino a nível operacional é uma das componentes mais importantes na preparação de uma unidade que se pretende que esteja pronta a ser projetada para os TO atualmente em vigor. No entanto, a conjuntura atual não é favorável, o que se reflete nas respostas de mais de metade da amostra. No entanto, fica patente que as oportunidades de treino não são em número suficiente. Em ocasiões pontuais tem-se conseguido melhorar esta questão, como foi o caso dos Exercícios Real Thaw 12, da OTAN e Hot Blade 12 da Agência Europeia de Segurança. Este consistiu num exercício de validação de capacidades de aeronaves de asa móvel (helicópteros) de diferentes países da União Europeia, durante o qual a BrigRR conseguiu, através do planeamento concorrente com o Comando Aéreo e criterioso uso dos meios postos à disposição, executar o seu exercício anual, o Apolo 12 com custos significativamente reduzidos.

4.2.6. Pergunta 7

Tabela 12 – Resultados da pergunta 7

Pergunta 7	Tendo em conta a função das Tropas Paraquedistas considera-as aptas, atualmente, a cumprir as missões que lhes são atribuídas?						
Entrevistado	E1	E2	E3	E4	E5	E6	Contagem
Concorda	X	X	X	X	X	X	6
Discorda							-

Na pergunta final os entrevistados foram questionados sobre se consideravam as tropas paraquedistas atualmente, aptas a cumprir com as missões. Concordaram todos, referindo que mesmo com as dificuldades atuais são adequadas para o efeito.

A unanimidade nesta pergunta foi atingida. Ou seja, neste momento, é consensual que as tropas paraquedistas portuguesas estão aptas a cumprir as missões que lhe forem atribuídas. É um facto que, apesar das dificuldades que vive o nosso país, as Tropas Paraquedistas conseguem executar todas as missões, com mais ou menos pessoal. Muito se

deve à coesão vivida no seu foro interior por parte dos oficiais, sargentos e praças que fazem desta a sua segunda família.

Capítulo 5

Conclusões

Concluído que está todo o processo de investigação, dispomos nesta fase, de todos os elementos necessários para dar resposta ao problema que nos propusemos resolver. Cientes de que a amostra de entrevistados poderá parecer limitada, em contraponto com a documentação consultada que tem a exatidão e o rigor necessários ao planeamento da preparação e projeção das unidades militares para os TO designados, temos a convicção de que a mesma é suficientemente representativa do universo em análise e, por consequência, válida, pela distinção dos entrevistados, as funções que desempenham e a qualidade dos seus depoimentos. Foi de facto o contributo precioso das suas contribuições que possibilitaram o esclarecimento de dúvidas surgidas após o simples cruzamento da informação disponibilizada pela documentação consultada.

Assim, para apurar a aplicabilidade das tropas paraquedistas portuguesas nos quadros e cenários da atual conflitualidade, para uma mais eficaz sistematização do raciocínio condutor desta investigação, antes mesmo de passar à apresentação das conclusões, descreveremos de seguida, de forma sintética, a forma como analisámos o cruzamento dos dados obtidos com a complementaridade oferecida pelos depoimentos.

Retirados que foram os elementos necessários à comparação da oferta e da procura materializados pelos documentos emitidos, respetivamente, pelo EME (QO de pessoal e material) e pela OTAN (CJSOR), identificamos lacunas que procuramos perceber, recorrendo aos depoimentos dos entrevistados, se, no caso de uma das unidades em estudo ser nomeada para desempenhar missões num dos TO indicados, aquelas seriam colmatadas por forma a responder aos requisitos.

Ao longo deste capítulo responderemos às perguntas derivadas através da verificação ou não das hipóteses aventadas, e como objetivo final desta investigação, responderemos à pergunta principal. À posteriori serão referidas algumas limitações da investigação e oportunidades para investigações futuras.

5.1. Verificação das Hipóteses.

A hipótese H1, a **constituição e organização destas unidades permite-lhes cumprir todas as suas missões nos atuais cenários prováveis de emprego** foi validada pelos resultados das entrevistas com ficou patente no conteúdo das respostas. Se, no que diz respeito à primeira parte da questão, onde cinco dos entrevistados concordaram que a constituição é a melhor, se nota uma uniformidade de opiniões, no que diz respeito à sua organização e dispersão territorial, apesar de existirem maiores divergências, consideramos que a hipótese pode-se considerar confirmada tendo-se, no entanto, em consideração uma opinião expressa sobre a localização das unidades paraquedistas que não favorece o comando e controlo, principalmente na fase do aprontamento.

Relativamente à hipótese H2, **o treino é o suficiente e consegue preparar as tropas para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego**, esta foi confirmada pelos resultados das entrevistas que complementaram as observações retiradas dos documentos consultados (CJSOR e QO). A maioria dos entrevistados (cinco) concorda que o treino é suficiente e que, no caso de ser necessária formação adicional a ser ministrada em forma de módulo, aquele constitui a base fundamental para a frequência desta. Todos os módulos de formação específica para cada TO são assegurados pela estrutura superior do exército e ministrados durante a fase de aprontamento.

A hipótese H3, **os BIPara e o BOAT não têm efetivo suficiente**, foi parcialmente verificada. Uma vez que as opiniões dos entrevistados foram diferentes umas das outras, a resposta pôde ser deduzida da comparação dos QOP com a situação das unidades. Se alguns referem que os quadros orgânicos são apenas uma referência, que nunca está a cem por cento, quanto aos níveis de levantamento os entrevistados estão de acordo que estes se situam abaixo do nível desejado.

A hipótese H4, **o equipamento e o material são os adequados**, foi validada pelos resultados das entrevistas que confirmaram a nossa observação dos QOM em comparação com o requerido nos CJSOR sendo de salientar que, no que diz respeito aos BIPara, para missões mais específicas é necessário equipar as unidades com material adequado e exigido para a missão. No BOAT o material é o mais recente a nível mundial.

No que diz respeito à hipótese H5 **o equipamento disponível nas unidades paraquedistas é suficiente para operacionalizar os seus batalhões para emprego nas**

atuais missões em que Portugal tem compromissos, esta foi refutada, no caso dos dois BIPara, pela mera comparação dos QOM com os CJSOR. Esta observação foi confirmada pelos depoimentos dos entrevistados que responderam à questão. No entanto no BOAT considera-se que o material é suficiente, constituindo uma preocupação apenas a partir de 2013 data em que os paraquedas terminam o seu ciclo de uso.

5.2. Resposta às Perguntas

No seguimento do método científico, para uma mais objetiva resposta à pergunta de partida, foram elencadas perguntas derivadas que abordam a globalidade do problema de forma setorial.

A primeira pergunta, que procura aquilatar da adequabilidade da constituição e a organização atual das tropas paraquedistas para os atuais cenários de empregos de forças militares portuguesas, foi respondida afirmativamente, como o confirma a uniformidade de opiniões dos entrevistados com uma reserva no tocante à localização das unidades paraquedistas que não favorece o comando e controlo, principalmente na fase do aprontamento. Esta resposta foi corroborada com a verificação da hipótese H1.

A segunda pergunta, que questiona se o treino efetuado nos dois BIPara e no BOAT é o suficiente, é respondida afirmativamente pela validação da hipótese H2 pela maioria dos entrevistados que concorda que o treino é suficiente e adequado.

Relativamente à terceira pergunta que procura saber se os dois BIPara e o BOAT têm efetivo suficiente para desempenhar as missões prováveis nos TO em questão, foi parcialmente respondida positivamente, à semelhança da verificação da hipótese H3. Uma vez que das opiniões dos entrevistados não foi possível obter uma resposta conclusiva, esta pôde ser deduzida da comparação dos QOP com a situação das unidades. Se alguns dos entrevistados veem os QOP como uma mera referência que nunca completo, já quanto aos níveis de levantamento os entrevistados estão de acordo que estes se situam abaixo do nível desejado.

No respeitante à quarta pergunta, onde se procurava saber se o material e o equipamento orgânico seriam os mais adequados para as tropas paraquedistas, esta através da validação da hipótese H4, recebe resposta positiva. O material é o mais adequado, nalguns casos do melhor a nível mundial, para as missões que lhes são atribuídas. Tem de

se ter em conta que para missões mais específicas é necessário que seja facultado material específico para essa mesma missão.

A quinta pergunta pretendia saber se este mesmo material seria suficiente para operacionalizar os dois BIPara e o BOAT. Através da mera comparação dos QOM com os CJSOR suportada pelos depoimentos dos entrevistados que responderam à questão, refutamos parcialmente a hipótese H5 no respeitante aos BIPara. Quanto ao BOAT o equipamento é suficiente, constituindo uma preocupação apenas a partir de 2013 data em que os paraquedas terminam o seu ciclo de uso. Assim, consideramos que, no essencial e uma vez que existe maior probabilidade de projetar um BIPara para uma missão num dos TO em questão, a resposta a esta pergunta deverá ser negativa. Temos, no entanto, a noção de que a probabilidade de ter que aprontar e projetar um BIPara completo é residual, pelo que o impacto da resposta a esta pergunta é-o da mesma forma.

Respondidas que foram as perguntas derivadas resta-nos agora responder à pergunta principal. **Estão os BIPara e o BOAT em condições de corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego?** Através das respostas às questões derivadas e das respostas obtidas à pergunta número sete da entrevista que questionava se as tropas paraquedistas estariam aptas a cumprir com as missões que lhes são atribuídas, podemos considerar responder afirmativamente à pergunta principal e, por conseguinte, considerar atingido o objetivo deste trabalho de investigação.

5.3. Sugestões de Investigações Futuras

Com este trabalho como ponto de partida, estão lançadas sugestões e reflexões que podem servir de motivação e pretexto para aprofundar, de forma setorial, vertentes desta problemática que, por se afastarem do fio condutor da investigação não foram exaustivamente estudadas. Como investigações futuras sugere-se o estudo de cada um dos batalhões de manobra da BrigRR com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre as respetivas capacidades e limitações.

Bibliografia

Livros Eletrónicos

Carmo, A. E. (2006). *Os Dois Principais Símbolos das Tropas Pára-Quedistas Portuguesas: Tradição e Vocação*. Obtido em 28 de Junho de 2012, de <http://www.paraquedistas.com.pt/Os%20%20Principais%20Simbolos%20Das%20Tropas%20PQ.pdf>

Documentos Oficiais

Academia Militar. (30 de Junho de 2011). NEP 520/DE. *Normas de Execução Permanente*

Estado-Maior do Exército. (03 de Dezembro de 2009). 1º BIPara - Quadro Orgânico - Número 24.0.21.

Estado-Maior do Exército. (03 de Dezembro de 2009). 2º BIPara - Quadro Orgânico - Número 24.0.22.

Estado-Maior do Exército. (08 de Fevereiro de 2010). BOAT - Quadro Orgânico - Número 24.0.28.

NATO. (01 de Dezembro de 2011). CJSOR ISAF 11.5.

NATO. (16 de Novembro de 2010). CJSOR KFOR GATE 2 E 3.

Doutrina

Borges, J. J. (2008). *Cadeira M322 - Teoria Geral da Estratégia*. Lisboa: Serviços Gráficos da Academia Militar.

Ministério da Defesa Nacional. (2012). *PDE 3-00*. Lisboa.

Livros

Arriaga, K. d. (2002). *História das Tropas Pára-Quedistas Portuguesas* (Vol. I). Tancos: CTAT.

Exército Português. (2010). *Um ano na vida da Brigada de Reação Rápida*. Praia do Ribatejo: Exército Português.

Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: ALMEDINA.

ETP. (2006). *50 Anos 1956 - 2006*. Praia do Ribatejo: Escola de Tropas Paraquedistas

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: ATLAS S.A.

Mensurado, J. (2002). *Os Paras na Guerra - 1961-63, 1968-72*. Lisboa.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª Edição ed.). Lisboa: GRADIVA.

Soares, V. H., & Adelino, E. A. (1962). *Dicionário de Terminologia Militar*.

Nascentes, A. (1981). *Diccionario de Sinónimos* (3ª Edição ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Endereços Eletrônicos

Biography. (2012). *Slobodan Milosevic*. Obtido em 25 de Julho de 2012, de <http://www.biography.com/people/slobodan-milosevic-9409281>

Bureau of European Affairs. (01 de Março de 1999). *Understanding the Rambouillet Accords*. Obtido de U.S. Department of State: http://www.state.gov/www/regions/eur/fs_990301_rambouillet.html

Bureau of European and Eurasian Affairs. (2012). *Background Note: Kosovo*. Obtido de U.S. Department of State: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/100931.htm#>

CIA. (2012 a). *The World Factbook*. Obtido em 20 de Julho de 2012, de Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>

CIA. (2012 b). *The World Factbook*. Obtido em 20 de Julho de 2012, de Central Intelligence Agency: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/kv.html>

Cidade Virtual. (04 de Abril de 1999). Obtido em 27 de Junho de 2012, de Cidade Virtual: <http://www.paraquedistas.com.pt/34103/index.html>

Costa, J. (2012). *Boinas Verdes Asas ao Peito*. Obtido em 28 de Junho de 2012, de <http://www.boinasverdes-asasaopeito.com>

Encyclopedia of the Middle East. (2008). *Mujahedin*. Obtido em 23 de Julho de 2012, de MidEastWeb for Coexistence R.A - Middle East Resources: <http://www.mideastweb.org/Middle-East-Encyclopedia/mujahedin.htm>

.

Everyculture. (2012). *Countries and Their Cultures*. Obtido em 23 de Julho de 2012, de <http://www.everyculture.com/wc/Afghanistan-to-Bosnia-Herzegovina/Pashtun.html#b>

Exército. (2010). *Resenha Histórica do Batalhão Aeroterrestre*. Obtido em 04 de Julho de 2012, de <http://www.exercito.pt/sites/ETP/Actividades/Paginas/1970.aspx>

Human Security Report Project. (s.d.). *Afghanistan Conflict Monitor*. Obtido em 23 de Julho de 2012, de <http://www.conflictmonitors.org/countries/afghanistan/about-the-conflict>

Ibrahim Rugova. (s.d.). *Dr Ibrahim Rugova - Biografia*. Obtido em 25 de Julho de 2012, de <http://www.ibrahimrugova.org/>

Infopédia. (2012). *Infopédia - Enciclopédias e Dicionários Porto Editora*. Obtido em 28 de Junho de 2012, de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/m%C3%ADstica>

Kalicheski, L. (24 de Novembro de 2011). *Laifi*. Obtido em 28 de Junho de 2012, de http://www.laifi.com/laifi.php?id_laifi=3136&idC=58694#

Léxico. (2012). *Léxico dicionário de português online*. Obtido em 28 de Junho de 2012, de <http://www.lexico.pt/insignia/>

Machado, M. (21 de Janeiro de 2011). *A MISSÃO NA BÓSNIA EM 1996 E O ACIDENTE DE 24 DE JANEIRO*. Obtido em 3 de Julho de 2012, de Operacional - Defesa, Forças Armadas e de Segurança: <http://www.operacional.pt/a-missao-na-bosnia-em-1996-e-o-acidente-de-24-de-janeiro/>

Machado, M. (24 de Novembro de 2009). *XXX CHALLENGE INTER ÉCOLES DE PARACHUTISME*. Obtido em 02 de Julho de 2012, de Operacional - Defesa, Forças Armadas e de Segurança: <http://www.operacional.pt/xxx-challenge-inter-ecoles-de-parachutisme/>

McHord Air Museum. (2012). Obtido em 02 de Julho de 2012, de <http://mchordairmuseum.org/REV%20B%20OUR%20HISTORY%20UNITS%20MISC.%20%20AIRLIFT%20RODEO-HISTORY-VOLANT%20RODEO.htm>

NATO. (2012 de Junho de 2012). *Kosovo Force (KFOR)*. Obtido de Key Facts and Figures: http://www.nato.int/kfor/structur/nations/placemap/kfor_placemat.pdf

Silva, G., Azeredo, J., & Pinto, V. (2005). *João Carlos de Matos Paiva*. Obtido em 09 de Julho de 2012, de <http://www.jcpaiva.net/getfile.php?cwd=ensino/cadeiras/metodol/20052006/90dad/ffc43&f=d9a14>

Sítio do Livro. (2012). *General Santos Costa*. Obtido em 28 de Junho de 2012, de Sítio do Livro: <http://www.sitiodolivro.pt/pt/autor/general-santos-costa/30595/>

Apêndice 1 – Guião da Entrevista

A Aplicabilidade das Tropas Paraquedistas nos Quadros da Atual Conflitualidade

Bloco A – Dados do entrevistado

Nome:

Posto:

Arma/Serviço:

Função desempenhada:

Bloco B – Perguntas no Âmbito do Tema

1.1 - A constituição atual das Tropas Paraquedistas é indicada para responder às tarefas que mais provavelmente lhes podem ser atribuídas?

1.2 - e a sua organização territorial?

2 – Considera o treino efetuado nas seguintes unidades suficiente para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego?

2.1 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 1 (BIPara)

2.2 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 2 (BIPara)

2.3 - Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT)

3 – Perante os Quadros Orgânicos, as seguintes unidades terão homens suficientes para fazer face a estes mesmo cenários,?

3.1 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 1 (BIPara)

3.2 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 2 (BIPara)

3.3 - Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT)

4 – Qual o nível de adequabilidade do atual equipamento destas unidades tendo em conta estes cenários?

4.1 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 1 (BIPara)

4.2 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 2 (BIPara)

4.3 - Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT)

5 – Considera o equipamento suficiente para operacionalizar na totalidade?

5.1 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 1 (BIPara)

5.2 - Batalhão de Infantaria Paraquedista 2 (BIPara)

5.3 - Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT)

6 – Considera suficiente a frequência das Tropas Paraquedistas na participação em exercícios de nível operacional?

7 – Tendo em conta a função das Tropas Paraquedistas, considera-as aptas, atualmente, a cumprir as missões que lhes são atribuídas?

Apêndice 2 – Dados sobre o Afeganistão

Afeganistão

Geografia	Localização	Sul Asiático, a norte e a oeste do Paquistão e a este do Irão.
	Área Total	652.230 km ² , cerca de 6,5 vezes maior que Portugal Continental (82.256km ²).
	Países Fronteiras	China, Irão, Paquistão, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzebequistão.
	Costa Marítima	Não tem.
	Terreno	Na sua maioria terreno montanhoso e alguns planaltos a norte e a sudoeste do país. Ponto mais alto Noshak com 7.485 metros de de altura. As montanhas Hindu Kush que correm de nordeste para sudoeste, dividem as províncias do norte do resto do país
	Recurso Naturais	Gás natural, petróleo, cobre, carvão, talco, enxofre, chumbo, zinco, ferro, sal e pedras preciosas e semipreciosas.

População e Sociedade	Nacionalidade	Afegão
	Grupos étnicos	Pashtun 42%, Tajik 27%, Hazara 9%, Uzbek 9%, Aimak 4%, Turkmen 3% e outros 4%
	Língua	Persa Afegão ou Dari 50% e Pashto 35% (oficiais), Línguas Turcas (Uzbek e Turkmen na maioria) 11%, 30 dialetos e ainda 4% bilingue.
	Religião	Sunitas 80% Xiitas 19% Outros 1%
	População	30.419.928 pax
	Literacia	População total: 28,1%
Governo	Tipo de Governo	República Islâmica
	Capital	Kabul
	Dia de Independência	19 de Agosto de 1919

Fonte : Adaptado de CIA (2012 a)

Apêndice 3 – Dados sobre o Kosovo

Kosovo

Geografia	Localização	Sudoeste Europeu, entre a Sérvia e a Macedónia
	Área Total	10,887 km ² , cerca de um décimo da área de Portugal Continental (82,256km ²)
	Países fronteiros	Albânia, Macedónia, Montenegro e Sérvia
	Costa Marítima	Não tem
	Terreno	Terreno plano, a uma altura de 400-700 metros acima do nível da água, rodeado de cadeias montanhosas com uma altura entre 2000 e 2500 metros. Ponto mais alto, Gjeravica com 2656 metros de altura.
	Recursos Naturais	Níquel, zinco, cobre, magnésio, crómio, e bauxite.
População e Sociedade	Nacionalidade	Kosovar (Albanês) Kosovac (Sérvio)
	Grupos Étnicos	Albaneses 92% Outros 8%
	Línguas	Albanês, Sérvio (Oficiais) Bósnio, Turco e Romeno
	Religião	Muçulmano, Sérvio Ortodoxo e Católico
	População	1.836.529 pax
	Literacia	População total: 91,9%
Governo	Tipo de Governo	República
	Capital	Pristina
	Dia da Independência	17 de Fevereiro de 2008

Fonte: Adaptado de CIA (2012 b)

Apêndice 4 – Relação dos Entrevistados

Tabela 13 – Relação dos Entrevistados

Entidade Entrevistada	Função
TGen Amaral Vieira	Comandante das Forças Terrestres
MGen Campos Serafino	Comandante da BrigRR
CorTirInfPara Perestrelo	2º Comandante da BrigRR
CorInfPara Cardoso	Comandante RI 10
CorInfPara Guerreiro da Silva	Comandante RI 15
CorInfPara Duarte Costa	Comandante ETP
TCorInfPara Peixeiro	Comandante 1º BIPara
TCorInfPara Cordeiro	Comandante 2º BIPara
TCorInfPara Henriques	Comandante do BOAT

Apêndice 5 – Resumo das Entrevistas

Tabela 14 – Pergunta 1.1

Entrevistado	A Constituição atual das tropas paraquedistas é indicada para responder às tarefas que mais provavelmente lhes podem ser atribuídas?
E1	Concorda. “(...)segue as unidades estrangeiras similares, com os ajustes necessários para manter a coerência nacional(...); “Permite a necessária flexibilidade de emprego desde o nível mais baixo até ao topo, nível mais elevado de conflitualidade (...)”; “(...)flexibilidade potenciada pelas características ligeiras das unidades(...)”
E2	Concorda. “ Está adequada na medida das necessidades, i.e. face à sua tipologia enquadra-se no conjunto de forças normalmente utilizadas nos principais teatros de conflito.”
E3	Concorda. “(...) qualquer escalão de Força que tenha a capacidade de intervenção rápida em qualquer área de um Teatro de Operações, fruto da sua grande mobilidade estratégica, é sempre atual e oportuna em qualquer tempo(...); (...)as unidades de Paraquedistas respondem ao requisito estabelecido para uma intervenção, em todo o espectro de operações militares(...);”(...)o estabelecido para o Sistema de Forças Nacional obedece aos compromissos e quesitos estabelecidos ao nível político(...)”
E4	Concorda.
E5	Discorda.
E6	Concorda – “Apesar de a estrutura organizacional das Unidades Paraquedistas assentar numa constituição clássica de unidades operacionais a modularidade das suas subunidades e o “tailoring” que tal modularidade permite, e sobretudo a sua instrução diversificada e de qualidade, permitem que facilmente sejam adaptadas e reconfiguradas em termos organizacionais por norma a fazer face a todo o tipo de conflitualidade (...)qualquer escalão de Força que tenha a capacidade de intervenção rápida em qualquer área de um Teatro de Operações, fruto da sua grande mobilidade estratégica, é sempre atual e oportuna em qualquer tempo ou circunstância.”

Tabela 15 – Pergunta 1.2

Entrevistados	A organização territorial das tropas paraquedistas é indicada para responder às tarefas que mais provavelmente lhes podem ser atribuídas?
E1	Discorda – “(...) A dispersão das unidades operacionais a par da sua localização em unidades fora da cadeia de comando da Brigada não facilita a ação de comando do comandante(...)”
E2	Discorda – “(...) Está desfasada da realidade Nacional, não obtemos efetivos suficientes para a manutenção em simultâneo de dos dois Batalhões de Infantaria Paraquedista e de uma estrutura tipo BOAT(...);” Urge definir a montante, todo um conjunto de conceitos e medidas legais que sustentem e deem corpo à componente Operacional do Exército e das Forças Armadas.”
E3	Não se pronunciou.
E4	Discorda – “Não é justificável devido à falta de recursos(...)”
E5	Concorda – “Dispersão é boa para o recrutamento”, “Conceito de exército napoleónico”, “Evitar aglomerados de tropa”
E6	Concorda - “A organização territorial das Unidades Pára-quedistas, assente numa lógica de aproveitamento das infra-estruturas existentes e não numa adaptação precisa, relativamente á conflitualidade. Assim sendo esta organização territorial está apenas assente em unidades territoriais que já existiam com unidades Pára-quedistas (...)a organização territorial não está enquadrada com a nova conflitualidade, nem tem de estar, e nem sequer foi pensada para estar”

Tabela 16 – Pergunta 2.1

Entrevistado	Considera o treino efetuado nas seguintes unidades suficiente para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego? 2.1 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 1
E1	Concorda – “(...)resultado dos ensinamentos e sistematização de procedimentos apreendidos nas missões que cumpriu nos TO da Bósnia, Kosovo, Timor-Leste, Afeganistão”

E2	Concorda – “(...) As unidades operacionais têm uma tipologia de emprego própria(...); “(...) Podem receber/adequar-se a configurações diferentes em função da missão específica atribuída, i.e. são permitidas alterações(...)”
E3	Concorda – “(...)O melhor treino é preparar soldados e líderes habituados à incerteza e inconstância e, nesse aspeto, a formação e o treino ministrados aos militares paraquedistas é, sem dúvida, o melhor que as Forças Armadas possuem em Portugal.”
E4	Concorda – “Atendendo ao treino base, sim”
E5	Concorda – “De acordo com cada Plano Integrado Treino Operacional (PITOP), cada unidade cumpre o com o treino para se preparar para cada TO.” “Para cada Brigada são estabelecidos parâmetros”
E6	Não se pronunciou.

Tabela 17 – Pergunta 2.2

Entrevistado	Considera o treino efetuado nas seguintes unidades suficiente para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego? 2.2 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 2
E1	Concorda – “(...)resultado dos ensinamentos e sistematização de procedimentos apreendidos nas missões que cumpriu nos TO da Bósnia, Kosovo, Timor-Leste e Afeganistão.”
E2	Concorda – “(...) As unidades operacionais têm uma tipologia de emprego própria(...); “(...) Podem receber/adequar-se a configurações diferentes em função da missão específica atribuída, i.e. são permitidas alterações(...)”
E3	Concorda – “(...)O melhor treino é preparar soldados e líderes habituados à incerteza e inconstância e, nesse aspeto, a formação e o treino ministrados aos militares paraquedistas é, sem dúvida, o melhor que as Forças Armadas possuem em Portugal.”
E4	Concorda – “Atendendo ao treino base, sim(...)”
E5	Concorda – “De acordo com cada Plano Integrado Treino Operacional (PITOP), cada unidade cumpre o com o treino para se preparar para cada TO.” “Para cada Brigada são estabelecidos parâmetros”
E6	Não se pronunciou.

Tabela 18 – Pergunta 2.3

Entrevistado	Considera o treino efetuado nas seguintes unidades suficiente para corresponder às exigências dos atuais cenários prováveis de emprego? 2.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre
E1	Concorda – “(...)deve ser encarado tendo em conta as suas diferentes valências(...)”; “(...) no que diz respeito aos percursos e abastecimento, o treino é adequado.”
E2	Não se pronunciou.
E3	Concorda – “o treino não existe. Todas as missões são reais, tanto como se uma operação se tratasse”
E4	Não se pronunciou
E5	Concorda – “De acordo com cada Plano Integrado Treino Operacional (PITOP), cada unidade cumpre o com o treino para se preparar para cada TO.” “Para cada Brigada são estabelecidos parâmetros de treino”
E6	Concorda – “O BOAT não desempenha quase nenhuma missões de treino pois as suas missões são sempre reais. A actividade aeroterrestre não se compadece apenas com o treino, já que todas as missões se enquadram no aspecto da Real World Operations.(...) Não há lançamentos virtuais (pessoal e carga), nem balizagens virtuais. O BOAT desempenha sempre missões reais.”

Tabela 19 – Pergunta 3.1

Entrevistado	Perante os Quadros orgânicos, as seguintes terão homens suficientes para fazer face a estes mesmos cenários? 3.1 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 1
E1	Discorda – “(...) nas suas estruturas de apoio de serviços (...)”
E2	Concorda – “ (...)no atual quadro de missões atribuídas.”
E3	“ A modularidade parece ser a resposta adequada a cada situação(...)”
E4	Não se pronunciou
E5	“Não existe nenhuma unidade que tenha os QOP a 100%, este é uma referência”, “Possui níveis de levantamento que são o valor mínimo para uma

	unidade estar ativa”
E6	Não se pronunciou.

Tabela 20 – Pergunta 3.2

Entrevistado	Perante os Quadros orgânicos, as seguintes terão homens suficientes para fazer face a estes mesmos cenários? 3.2 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 2
E1	Discorda – “(...) nas suas estruturas de apoio de serviços (...)”
E2	Concorda – “ (...)no atual quadro de missões atribuídas.”
E3	“ A modularidade parece ser a resposta adequada a cada situação(...)”
E4	Discorda – “(...) na atual conjuntura não tem sido possível respeitar os níveis de levantamento estabelecidos”
E5	“Não existe nenhuma unidade que tenha os QOP a 100%, este é uma referência”, “Possui níveis de levantamento que são o valor mínimo para uma unidade estar ativa”
E6	Não se pronunciou.

Tabela 21 – Pergunta 3.3

Entrevistado	Perante os Quadros orgânicos, as seguintes terão homens suficientes para fazer face a estes mesmos cenários? 3.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre
E1	“ Não tenho elementos suficientes para responder.”
E2	Não se pronunciou
E3	“ A modularidade parece ser a resposta adequada a cada situação (...)”
E4	Não se pronunciou
E5	“Não existe nenhuma unidade que tenha os QOP a 100%, este é uma referência”, “Possui níveis de levantamento que são o valor mínimo para uma unidade estar ativa”
E6	“O conceito a explorar é o da Modularidade, onde a análise de casa caso, de cada operação determinará a operação e a constituição quer dos Destacamentos Operacionais de Base de Partida, quer dos Destacamentos de

	Precusores. A análise dos Fatores Operacionais que possam influir a Missão são essenciais. Inimigo, terreno e Meios, e a Missão a cumprir definirão a composição adequada. O Quadro Orgânico quer de pessoal quer de Material, são apenas referências de trabalho.”
--	---

Tabela 22 – Pergunta 4.1

Entrevistado	Qual o nível de adequabilidade do atual equipamento destas unidades, tendo em conta estes cenários? 4.1 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 1
E1	“ Os equipamentos são atualmente os adequados (...)”;
E2	“ Considera-se o QOM das unidades operacionais não em função dos TO de possível emprego mas da missão que está atribuída a cada Unidade quando integrada no SFN.”
E3	Não se pronunciou.
E4	Não se pronunciou
E5	São adequados.
E6	Não se pronunciou.

Tabela 23 – Pergunta 4.2

Entrevistado	Qual o nível de adequabilidade do atual equipamento destas unidades, tendo em conta estes cenários? 4.2 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 2
E1	Concorda – “ Os equipamentos são atualmente os adequados (...) ”;
E2	“ Considera-se o QOM das unidades operacionais não em função dos TO de possível emprego mas da missão que está atribuída a cada Unidade quando integrada no SFN”
E3	Não se pronunciou.
E4	“Tem um nível médio. (...) Existem atualmente na força lacunas (...)”

E5	São adequados.
E6	Não se pronunciou.

Tabela 24 – Pergunta 4.3

Entrevistado	Qual o nível de adequabilidade do atual equipamento destas unidades, tendo em conta estes cenários? 4.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre
E1	“ Não tenho elementos suficientes para responder.”
E2	Não se pronunciou
E3	“(…) estes são o que de mais recente existe a nível mundial(…)”
E4	Não se pronunciou.
E5	São adequados. Acima de tudo a nível de material de salto. Também adequado especialmente no que toca a uma situação de catástrofe. Capacidade de cargas dirigidas.
E6	“O BOAT encontra-se equipado com o que de mais moderno existe no momento para a utilização quer a nível de equipamento de oxigénio e paraquedas para os destacamentos de Precursores, quer a níveis de paraquedas para uso das unidades Para-quedistas, quer a nível do Abastecimento Aéreo.”

Tabela 25 – Resultados pergunta 5.1

Entrevistado	Considera o equipamento suficiente para operacionalizar na totalidade: 5.1 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 1
E1	Discorda – “Existem algumas lacunas a nível do material de comunicações, viaturas e armamento”
E2	Discorda – “ Existem limitações em áreas específicas.”
E3	Não se pronunciou
E4	Não se pronunciou
E5	Concorda , embora existam algumas lacunas, a nível de material de transmissões
E6	Não se pronunciou

Tabela 26 – Pergunta 5.2

Entrevistado	Considera o equipamento suficiente para operacionalizar na totalidade: 5.2 – Batalhão de Infantaria Paraquedista 2
E1	Discorda – “Existem algumas lacunas a nível do material de comunicações, viaturas e armamento”
E2	Discorda – “ Existem limitações em áreas específicas.”
E3	Não se pronunciou
E4	Não se pronunciou
E5	Concorda , embora existam algumas lacunas, a nível de material de transmissões
E6	Não se pronunciou.

Tabela 27 – Pergunta 5.3

Entrevistado	Considera o equipamento suficiente para operacionalizar na totalidade: 5.3 – Batalhão Operacional Aeroterrestre
E1	“ Não tenho elementos suficientes para responder.”
E2	Não se pronunciou
E3	Concorda – “Falha (...) mas somente no que concerne ao equipamento aeroterrestre, nomeadamente os paraquedas, do BOAT(...)
E4	Não se pronunciou
E5	Concorda , embora existam algumas lacunas, a nível de material de transmissões
E6	Concorda - “Neste momento temos o equipamento para cumprir a missão de podermos lançar na totalidade uma Unidade de escalão Batalhão (de Paraquedistas) usando o SAA, e mantemos esta capacidade até 2013, data em que algum do material atinge o limite de vida. Para continuarmos a deter esta capacidade precisamos de manter os atuais programas de aquisição de material aeroterrestre.”

Tabela 28 – Pergunta 6

Entrevistado	Considera suficiente a frequência das Tropas Paraquedistas na participação em exercícios de nível operacional?
E1	Discorda – “(...) são fundamentalmente de nível tático pelo que considero insuficiente o número daqueles. Atualmente resumem-se ao Exercício Lusíada do EMGFA, que simula e testa o emprego da Força de Reação Imediata (FRI).”
E2	Discorda – “É desejável uma maior frequência.”
E3	“Não me compete ajuizar essa ocorrência.”
E4	Discorda – “Os condicionamentos financeiros atuais condicionam o treino(...)”
E5	Concorda – “mesmo sem a capacidade para pagar os exercícios, o exército, no âmbito de outros exercícios internacionais consegue enquadrar os nossos próprios exercícios”
E6	Discorda – “(...) mais treino, melhor desempenho, sendo sempre insuficiente.(...) considero ser insuficiente nomeadamente na instrução de tiro e no treino operacional de unidades constituídas.(...) no âmbito aeroterrestre até se tem conseguido manter a proficiência em termos operacionais, já a nível das companhias e batalhões o actual programa de treino parece-me ser verdadeiramente insuficiente.”

Tabela 29 - Pergunta 7

Entrevistado	Tendo em conta a função das Tropas Paraquedistas considera-as aptas, atualmente, a cumprir as missões que lhes são atribuídas?
E1	Concorda – “ São unidades constituídas por pessoal treinado nos ambientes mais diversos(...)”
E2	Concorda.
E3	Concorda – “(...)mesmo com as recentes alterações à estrutura operacional do Exército as unidades de paraquedistas, os Batalhões de Infantaria Paraquedista cumprem exemplarmente as missões que lhes são atribuídas(...)”
E4	Concorda – “(...)para operar como sistema de combate – Batalhão.”
E5	Concorda – “ não há missões imorais, cada unidade faz o que lhe é possível”,

	“com os recursos humanos e material que possuem, cumprem as missões”
E6	Concorda – “as forças Pára-quedistas estão aptas para cumprir as missões que lhe são atribuídas (...) acordo com as possibilidades das unidades que as têm de cumprir. Assim não sendo ter-se-á de criar um ciclo de aprontamento e treino”

Anexo 1 – Método Científico

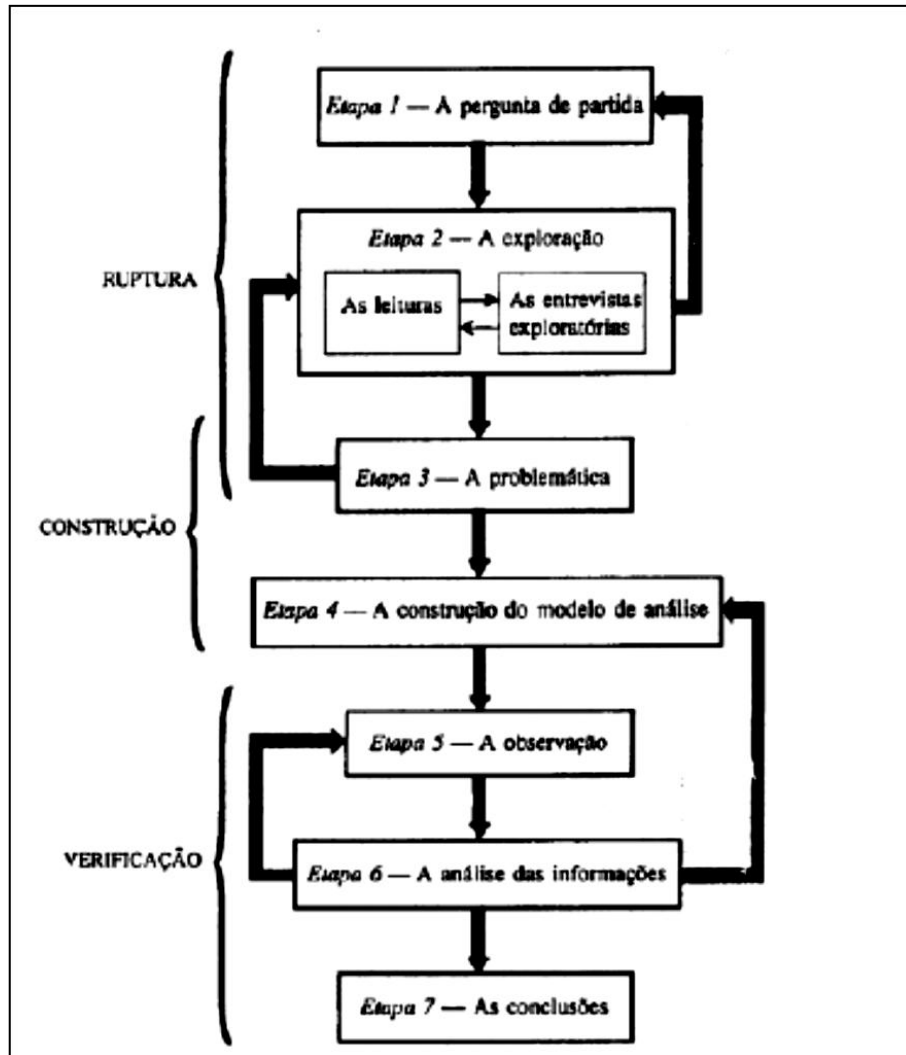


Figura 6 – Método Científico

Fonte : (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 27)

Anexo 2 – Resumo QOM 1º BIPara

Refº	DESIGNAÇÃO	1º BIPara			
		Cmd e EM	CCA	CAT Para (x3)	TOTAL
		20	126	420	566
RESUMO DO 1º BATALHÃO DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA					
149	Viatura Tática 5 ton	-	9	3	12
155	Viatura Tática Ambulância	-	4	-	4
156	Viatura Tática Ligeira	3	-	3	6
158	Viatura Tática Média	-	4	3	7
179	Veículo não Tripulado	-	1	3	4
190	Plataforma Aerotransportada Multi-usos "Mula Mecânica" c/ Atrelado	-	16	24	40
191	Plataforma Aerotransportada Multi-usos "Mula Mecânica" Reab CI III	-	1	-	1
200	Pistola-Metralhadora	-	5	-	5
202	Pistola	17	67	177	261
206	Espingarda Automática	20	117	420	557
207	Lança Granadas (Acessório p/ Esp Automática)	7	12	54	73
208	Espingarda Atirador Especial Ligeira	-	(3)	-	(3)
209	Espingarda Atirador Especial Pesada	-	(3)	-	(3)
215	Metralhadora Ligeira	7	21	75	103
216	Metralhadora Pesada	2	6	6	14
219	Caçadeira Tática "Shot-Gun"	-	5	54	59
221	Morteiro Médio Longo Alcance (LR)	-	4	-	4
223	Morteiro Ligeiro	-	-	9	9
234	Sistema Missil ACar Médio Alcance (ATGM MR)	-	-	12	12
235	Sistema Missil ACar Longo Alcance (ATGM LR)	-	8	-	8
247	Canhão sem Recuo Ligeiro	-	-	18	18
252	Lança Granadas Automático	-	9	12	21
300	E/R VHF/UHF	5	7	12	24
301	E/R HF/VHF	7	35	72	114
306	Módulo Centro de Comunicações Batalhão	-	1	-	1
307	Módulo Centro de Comunicações Companhia	-	-	3	3
415	Sistema, Sensor Remoto de VCB	-	1	3	4
635	Grupo Gerador até 10 KVA, Atrelado	-	2	-	2
915	Aeronave não Tripulada Baixa Altitude Curto Alcance (Mini UAV)	-	(4)	-	(3)

Figura 7 – Resumo QOM 1º BIPara

Fonte : (Estado-Maior do Exército, 2009)

Anexo 3 – Resumo QOM 2º BIPara

Refº	DESIGNAÇÃO	2º BIPara			
		Cmd e EM	CCA	CAAt Para (x3)	TOTAL
		20	126	420	566
RESUMO DO 2º BATALHÃO DE INFANTARIA PÁRA-QUEDISTA					
149	Viatura Tática 5 ton	-	9	3	12
155	Viatura Tática Ambulância	-	4	-	4
156	Viatura Tática Ligeira	3	-	3	6
158	Viatura Tática Média	-	4	3	7
179	Veículo não Tripulado	-	1	3	4
190	Plataforma Aerotransportada Multi-usos "Mula Mecânica" c/ Atrelado	-	16	24	40
191	Plataforma Aerotransportada Multi-usos "Mula Mecânica" Reab CI III	-	1	-	1
200	Pistola-Metralhadora	-	5	-	5
202	Pistola	17	67	177	261
206	Espingarda Automática	20	117	420	557
207	Lança Granadas (Acessório p/ Esp Automática)	7	12	54	73
208	Espingarda Atirador Especial Ligeira	-	(3)	-	(3)
209	Espingarda Atirador Especial Pesada	-	(3)	-	(3)
215	Metralhadora Ligeira	7	21	75	103
216	Metralhadora Pesada	2	6	6	14
219	Caçadeira Tática "Shot-Gun"	-	5	54	59
221	Morteiro Médio Longo Alcance (LR)	-	4	-	4
223	Morteiro Ligeiro	-	-	9	9
234	Sistema Míssil ACar Médio Alcance (ATGM MR)	-	-	12	12
235	Sistema Míssil ACar Longo Alcance (ATGM LR)	-	8	-	8
247	Canhão sem Recuo Ligeiro	-	-	18	18
252	Lança Granadas Automático	-	9	12	21
300	E/R VHF/UHF	5	7	12	24
301	E/R HF/VHF	7	35	72	114
306	Módulo Centro de Comunicações Batalhão	-	1	-	1
307	Módulo Centro de Comunicações Companhia	-	-	3	3
415	Sistema, Sensor Remoto de VCB	-	1	3	4
635	Grupo Gerador até 10 KVA, Atrelado	-	2	-	2
915	Aeronave não Tripulada Baixa Altitude Curto Alcance (Mini UAV)	-	(4)	-	(3)

Figura 8 – Resumo QOM 2º BIPara

Fonte: (Estado-Maior do Exército, 2009 b)

Anexo 4 – Resumo QOM BOAT

Ref ^o	DESIGNAÇÃO	BOAT						TOTAL
		Cmd e EM	DestApAero	CPrec	CS	CAbastAéreo	CEqAéreo	
		12	51	55	30	48	76	
RESUMO DO BATALHÃO OPERACIONAL AEROTERRESTRE								
149	Viatura Tática 5 ton	-	-	-	-	4	-	4
155	Viatura Tática Ambulância	-	1	-	-	-	-	1
156	Viatura Tática Ligeira	4	-	6	2	1	1	14
158	Viatura Tática Média	-	1	-	3	-	-	4
190	Plataforma Aerotransportada Multi-usos "Mula Mecânica"	-	-	3	-	-	-	3
200	Pistola-Metralhadora	-	-	6	-	-	-	6
202	Pistola	12	51	55	11	35	44	208
206	Espingarda Automática	12	51	55	30	48	76	272
207	Lança Granadas (Acessório p/ Esp Automática)	-	-	6	2	-	-	8
215	Metralhadora Ligeira	2	1	8	-	-	-	11
216	Metralhadora Pesada	-	-	-	1	-	-	1
300	E/R VHF/UHF	4	1	4	2	2	1	14
301	E/R HF/VHF	4	7	9	7	5	1	33
306	Módulo Centro de Comunicações Batalhão	-	-	-	1	-	-	1
325	Telefone Satélite (SATCOM)	-	-	4	-	-	-	4
600	Empilhador 25 ton	-	-	-	-	1	-	1
601	Empilhador 5 ton	-	-	-	-	1	-	1
602	Elevador Carregador para Carga de Aeronaves AP (K Loader)	-	-	-	-	2	-	2
621	Atrelado Ligeiro	4	-	-	2	1	1	8
635	Grupo Gerador até 10 KVA, Atrelado	-	-	-	2	-	-	2
945	Módulo Operações Terminal e Vôo	-	1	-	-	-	-	1
946	Módulo de Equipamento Aéreo - Lançamento Pessoal "Abertura Automática"	-	-	-	-	-	1	1
947	Módulo de Equipamento Aéreo - Lançamento Pessoal "Abertura Manual"	-	-	-	-	-	1	1
948	Módulo de Equipamento Aéreo - Lançamento Carga	-	-	-	-	1	-	1
949	Módulo de Equipamento de Precursores - Apoio	-	-	1	-	-	-	1
950	Módulo de Equipamento de Precursores - Infiltração a Alta Altitude	-	-	1	-	-	-	1
951	Módulo de Equipamento de Precursores - Infiltração a Baixa Altitude	-	-	1	-	-	-	1

Figura 9 – Resumo QOM BOAT

Fonte: (Estado-Maior do Exército, 2010)